estatística? O que é erro amostral? O que é erro tipo I? O que é erro tipo II? Qual a relação entre os erros tipo O que é análise inicial de dados? Como conduzir uma análise inicial de dados? Quais problemas ectados na análise inicial de dados? O que é análise de associação? O que são análises testes podem ser usados para análises de associação bivari Artinuje o esapre Dique é RStudio? Por que usar R? Que programas de computador podem ser usados para análise O que são scripts? Quais práticas são recomendadas na redação de scripts? Quais problemas de pesquisa são investigados com estudos de concordância e confiabilidade? Quais fontes de variabilidade radas? O que é concordância? Quais métodos são adequados para análise de concordância? dequados para análise de concordância? O que é confiabilidade? Quais métodos são adequados para análise fiabilidade? O que é análise de correlação? Qual é a interpretação das medidas de correlação? Quais

ação? O que são dados? O que são dados primários e secundários? O que são dados perdidos? Qual o udo ter dados perdidos? Quais os mecanismos geradores de dados perdidos? Como identificar o mecanismo le dados perdidos em um banco de dados? Que estratégias podem ser utilizadas na coleta de dados qu xpectativa de perda amostral? Que estratégias podem ser utilizadas na análise quando há dados perdidos?

empenho diagnóstico em tabelas 2x2? Quais probabilidades caracterizam o desempenho diagnóstico de um tes belas 2x2? O que é a área sob a curva (AUROC)? Como interpretar a área sob a curva (ROC)? Como ana sempenho diagnóstico em desfechos com distribuição trimodal na população? Que itens devem ser verif rpretação de um etudo de validade? O que são distribuições de probabilidade? Quais características defin O que é a distribuição normal? O que são distribuições não-normais? Que métodos podem s da distribuição? O g 📑 são parâmetros? Que parâmetros podem sei

erguntas e respostas para pesquisadores e analistas de dados a de base em ensaios clínicos aleatorizados? Quais são as razões para diferencas entre grupos o)variáveis na linha de base? Quais cenários permitem a comparação entre grupos na linha de base is estratégias podem ser adotadas para substituir a comparação entre grupos na linha de base em ensaios eatorizados? Por que não se deve comparar intragrupos (pré – pós) em ensaios clínicos aleatorizados?

mparação entre grupos em ensaios clínicos aleatorizados? Por que analisar o efeito de interação? Quan no de interação? O que são manuscritos reprodutíveis? Por que usar manuscritos reprodutíveis? Como manusc reprodutíveis contribuem para a ciência? O que pode ser compartilhado? Como preparar R scripts para tilhamento? O que incluir no arquivo README? Como exportar tabelas em formato DOCX? Como exportar figu ato TIFF? O que é meta-análise? Como avaliar a variação do tamanho do efeito? Como avaliar a heterog ntre os estudos? O que é a falácia da Tabela 2? O que são paradoxos estatísticos? O que é população? a? O que é generalização de uma população? O que é amostragem? Quais métodos de amostragem são ، uma amostra da população? O que é tamanho da amostra? Por que determinar o tamanho da an

determinado o tamanho da amostra de um estudo? Quais aspectos éticos estão envolvidos no tamanho é reamostragem? Por que utilizar reamostragem? Quais procedimentos de reamostragem podem ser reali que é alocação? O que é aleatorização? O que é cegamento? Qual a relação entre estatística e metodologia da am a validade interna? O que é validade externa? Que fatores afetam a validade externa? Como avaliar a valid e um estudo? O que é reprodutibilidade? O que é replicabilidade? Por que reprodutibilidade é importante? Com ntribuir para a reprodutibilidade? O que é um experimento? O que é evento? O que é espaco de eventos?

atística? O que é probabilidade marginal? O que é probabilidade conjunta? O que é probabilidade condicional: é a lei dos grandes números? O que é a lei dos pequenos números? O que é a lei dos números anômalos? orema central do limite? O que é regressão para a média? O que é plano de análise estatística? Como redigir o variáveis categóricas para análise de regressão? O que análises de regressão simples, multivariável e tivariada? Quais testes podem ser usados em análise d2923um modificador de efeito? O que é efeito de modificação? O que é efeito de interação? O que é um mediador d

Arthur de Sá Ferreira

Ciência com R

Perguntas e respostas para pesquisadores e analistas de dados

Sumário

Su	ımári		iii
Li	sta de	Figuras	ix
Lista de Tabelas Sobre o autor			xi
			xiii
Dedicatória			
Ą	grade	imentos	xvii
Pr	efácio		xix
PA	ARTE	1 - Pensamento Científico	1
2	1.1 1.2 1.3 1.4 1.5 1.6 1.7 1.8 1.9	amento probabilístico Experimento Espaços amostrais e eventos Probabilidade Independência e probabilidade Leis dos grandes números Leis dos pequenos números Leis dos números anômalos Teorema central do limite Regressão para a média amento estatístico População e amostra Amostragem Tamanho da amostra Reamostragem Alocação Aleatorização Cegamento	. 3 . 4 . 5 . 5 . 5 . 5 . 7 . 7 . 7 . 7 . 8 . 8 . 9
3		doxos estatísticos Paradoxos estatísticos Paradoxo de Abelson Paradoxo de Berkson Paradoxo de Ellsberg Paradoxo de Freedman Paradoxo de Hand Paradoxo de Lindley Paradoxo de Lord	. 11 . 11 . 11 . 11
	3.9	Paradoxo de Proebsting	

iv SUMÁRIO

	3.10	Paradoxo de Simpson	 12
	3.11	Paradoxo de Stein	 12
	3.12	Paradoxo de Okie	 12
	3.13	Paradoxo da acurácia	 12
	3.14	Paradoxo do elevador	 12
	3.15	Paradoxo do falso positivo	 12
	3.16	Paradoxo da amizade	 12
4		samento metodológico	13
	4.1	Estatística e Epidemiologia	13
	4.2	Delineamento de estudos	
	4.3	Validade do estudo	
	4.4	Reprodutibilidade	 16
5	Vi og	aa matadalásiaaa	17
3		vieses	
	5.1		
	5.2	Falácia do jogador	 1/
PA	RTE	2 - Estatística Básica	19
6	Unid	dade de análise	21
	6.1	Definição	
	6.2	Pareamento	 21
	6.3	Medidas únicas ou múltiplas	 21
_	ъ.		
7		os e metadados Dados	25
	7.1		
	7.2	Dados perdidos	
	7.3	Metadados	 27
8	Vari	iáveis e fatores	29
o	8.1	Variáveis	
	8.2	Transformação de variáveis contínuas	
	8.3	Categorização de variáveis contínuas	
	8.4	Dicotomização de variáveis contínuas	
	8.5		32
	0.5	Fatores	 32
9	Dist	ribuições e parâmetros	35
	9.1	Distribuições de probabilidade	35
	9.2	Parâmetros	
	9.3	Valores esperados	
	9.4	Valores discrepantes	
		1	
10	Tabı	ulação de dados	39
	10.1	Planilhas eletrônicas	 39
11		lise inicial de dados	41
	11.1	Análise inicial de dados	 41
12	A . 71	15	43
12		lise exploratória de dados	43
	12.1	Análise exploratória de dados	 43
13	Anál	lise descritiva	45
IJ		Análise descritiva	45
		Tabelas	45
		Tabela 1	45
		Tabela 2	43
		Gráficos	 40

SUMÁRIO

14	Análise inferencial	49
17	14.1 Raciocínio inferencial	49
	14.2 Hipóteses científicas	
	14.3 Interpretação de análise inferencial	50
	14.4 Testes de hipóteses	50
	14.5 Testes paramétrico e não paramétrico	51
	14.6 P-valor	52
	14.7 Tamanho do efeito	53
		53
	14.9 Erros de inferência	54
PA	RTE 2 - Estatística Aplicada	55
15	Seleção de testes	57
	15.1 Multiverso de análises estatísticas	57
	15.2 Escolha de testes para análise inferencial	57
16	Testes estatísticos	59
	16.1 Teste de Qui-quadrado (χ^2)	59
	16.2 Teste exato de Fisher	61
17	Comparação	63
	17.1 Análise inferencial de comparação	63
18	Correlação	65
10	18.1 Análise de correlação	65
10	Associação	67
19	19.1 Análise de associação	67
	19.2 Associação bivariada	67
20	Regressão	69
20	20.1 Análise de regressão	69
	20.2 Regressão simples, multivariável e multivariada	
	20.3 Efeito principal	
	20.4 Efeito de modificação	
	,	70
	20.6 Efeito de mediação	
	20.7 Seleção de variáveis do modelo	71
21	Redes	73
	21.1 Análise de redes	73
PA	RTE 3 - Metodologia Aplicada	75
22	Simulação computacional	77
	22.1 Simulação computacional de dados	77
	22.2 Método de Monte Carlo	77
23	Estudos observacionais	79
23	23.1 Estudos observacionais	79
21	Ensaio clínico aleatorizado	81
4 4	24.1 Características	81 81
	24.2 Modelos de análise de comparação	_
	24.3 Ajuste de covariáveis	82
	24.4. Comparação na linha de base	82

vi SUMÁRIO

	24.5	.5 Comparação intragrupos	 		. 8	3
	24.6	.6 Comparação entre grupos	 		. 8	34
	24.7	.7 Efeito de interação	 		. 8	;4
25	D	warmen by dispersion to the			0	
25		esempenho diagnóstico .1 Tabelas 2x2			. 8	
		.2 Curvas ROC				
		3 Interpretação da validade de um teste				
	_0.5		 			•
26		oncordância e confiabilidade			8	
		.1 Problemas de pesquisa				
		.2 Concordância				
	26.3	.3 Confiabilidade		A:	. 9	C
27	Moto	eta-análise			9	1
<i>4</i> /		.1 Meta-análise				
		2 Interpretação de efeitos em meta-análise				
		1 ,				
						_
ъ.	DÆD					
PA	KTE	E 4 - Produção Científica			9	13
28	Com	omputação estatística			9)5
-0	28.1	.1 Programa de computador	 		. 9	
		.2 Scripts computacionais				16
29		ownload de R scripts			9	
		.1 Concordância e Confiabilidade				
		2 Descrição				
		.3 Desempenho diagnóstico				
		.5 Ensaio cruzado				
		.6 Regressão				
		10 109.00000	 			
30	Man	anuscritos reprodutíveis			9	
		.1 Manuscritos reprodutíveis				-
		.2 Compartilhamento				
	30.3	.3 Exportando elementos	 		. 10	1
31	Dode	edação estatística			10	13
JI		.1 Plano de análise estatística				
		.2 Resultados da análise estatística				
			 			_
DI	DI 10	TO CID A PILA			10	
BI	RLIO	IOGRAFIA			10	13
Fo	ntes e	s externas			10	7
_		retrizes	 			
	Lista	stas de verificação				
		nerican Heart Association				
		nerican Physiological Society				
		nerican Statistical Association				
		itish Medicine Journal				
		hancing the QUality And Transparency Of health Research Network				
		urnal of the Amercan Medical Association				
		ture Publishing Group				
	-	ilev Online Library				

SUMÁRIO vii

Referências 109



viii SUMÁRIO



Lista de Figuras

4.1	Mapa mental da relação entre o pensamento estatístico e o pensamento metodológico	13
25.1	Árvore de frequência do desempenho diagnóstico de uma tabela de confusão 2x2 representando um	
	método novo (dicotômico) comparado ao método padrão-ouro ou referência (dictômico)	86

x LISTA DE FIGURAS



Lista de Tabelas

6.1	Tabela de dados bruto com medidas únicas	22
6.2	Tabela de dados bruto com medidas repetidas	22
6.3	Tabela de dados bruto com medidas repetidas agregadas	22
6.4	Tabela de dados bruto com medidas seriadas não agregadas.	23
6.5	Tabela de dados bruto com medidas seriadas não agregadas	23
6.6	Tabela de dados bruto com medidas múltiplas.	24
10.1	Estrutura básica de uma tabela de dados.	39
10.2	Formatação recomendada para tabela de dados	40
10.3	Formatação não recomendada para tabela de dados	40
16.1	Teste Qui-quadrado (com correção de Yates)	60
16.2	Teste Qui-quadrado (sem correção de Yates)	61
	Teste exato de Fisher	
		85
25.2	Probabilidades calculados a partir da tabela de confusão 2x2 para análise de desempenho diagnós-	
	tico de testes e variáveis dicotômicas	86

Ferreira, Arthur de Sá. **Ciência com R: Perguntas e respostas para pesquisadores e analistas de dados**. Rio de Janeiro: 1a edição, 2023. 139p. doi: 10.5281/zenodo.8320233



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer maneira sem a permissão prévia por escrito do proprietário dos direitos autorais, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

Para solicitar permissões, entre em contato com cienciacomr@gmail.com

Capa dura: ISBN Brochura: ISBN E-book: ISBN

A versão online desta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Sobre o autor



Arthur de Sá Ferreira, DSc

Obtive minha Graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 1999), Formação em Acupuntura pela Academia Brasileira de Arte e Ciência Oriental (ABACO, 2001), Mestrado em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2002) e Doutorado em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2006).

Tenho experiência em docência no ensino superior, atuando com professor da graduação em cursos de Fisioterapia, Enfermagem e Odontologia, entre outros (2001-atual); pós-graduação lato sensu em Fisioterapia (2001-atual) e stricto sensu em Ciências da Reabilitação (2010-atual).

Sou professor adjunto do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), pesquisador dos Programas de Pósgraduação em Ciências da Reabilitação (PPGCR) e Desenvolvimento Local (PPGDL) e Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) (2020-atual). Leciono as disciplinas Bioestatística I e II desde 2010 nesses Programas.

Fundei o Laboratório de Simulação Computacional e Modelagem em Reabilitação (LSCMR) em 2012, onde desenvolvo projetos de pesquisa principalmente nos seguintes temas: Bioestatística, Modelagem e simulação computacional, Processamento de sinais biomédicos, Movimento funcional humano, Medicina tradicional (chinesa), Distúrbios musculoesqueléticos, Doenças cardiovasculares e Doenças respiratórias.

Sou membro efetivo da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Fisioterapia (ABRAPG-FT) (2007-atual), Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (CABSIN) (2019-atual), Committee on Publication Ethics (COPE) (2018-atual) e Royal Statistical Society (RSS) (2021-atual).

Componho o corpo editorial e de revisores de periódicos nacionais e internacionais como Scientific Reports, Frontiers in Rehabilitation Sciences, Evidence-Based Complementary and Alternative Medicine, Chinese Journal of Integrative Medicine, Fisioterapia e Pesquisa.

Currículos externos

5432142731317894 0000-0001-7014-2002 F-6831-2012



Dedicatória

Esta obra é dedicada a todos que, em princípio, buscam conhecimento para melhorar a qualidade da pesquisa científica - seja a sua própria, a de colegas ou a de desconhecidos - mas, em última análise, desejam mesmo prover melhores condições de saúde e desenvolvimento da sociedade.

Dedico também ao leitor eventual que chegou aqui por acaso.



Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem o apoio e suporte da minha esposa Daniele, minha irmã Mônica, meu pai José Victorino e meus filhos Giovanna, Victor e Lucas.



Prefácio

No âmbito da análise estatística de dados, os processos envolvidos são marcados por uma série de escolhas críticas. Estas decisões abrangem considerações metodológicas e ações operacionais que moldam toda a jornada analítica. Deve-se selecionar, cuidadosamente, um delineamento de estudo para enfrentar os desafios únicos colocados por um projeto de pesquisa. Além disso, a escolha de métodos estatísticos adequados para lidar com os dados gerados pelo delineamento escolhido tem um peso importante. Estas decisões necessitam de uma base construída sobre as evidências mais convincentes da literatura existente e na adesão a práticas sólidas de investigação.

Interpretar os resultados destas análises não é uma tarefa simples. Confiar apenas na formação educacional convencional, no bom senso e na intuição para decifrar tabelas e gráficos pode revelar-se inadequado. Interpretações errôneas podem gerar consequências indesejáveis, incluindo a utilização de testes diagnósticos imprecisos ou o endosso de tratamentos ineficazes.

Este livro emerge do reconhecimento desses desafios.

A proposta gira em torno da organização de um compêndio abrangente de métodos e técnicas de ponta, para análise estatística de dados em pesquisa científica, apresentados em formato de perguntas e respostas. Esse formato promove um diálogo direto e objetivo com o leitor, respondendo a dúvidas comumente colocadas por alunos de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, bem como por pesquisadores.

O objetivo geral de cada capítulo é elucidar as questões metodológicas fundamentais: "O que é?", "Por que usar?", "Quando usar?", "Quando não usar?" e "Como fazer?". Em cada capítulo, diversas questões específicas são propostas e respondidas sistematicamente, permitindo ao leitor uma melhor elaboração do conteúdo e resultado do seu trabalho.

Os capítulos foram organizados para seguir uma progressão de conceitos e aplicações. Embora sejam fragmentados para maior clareza instrucional, as referências cruzadas ajudam a mitigar a fragmentação do conteúdo e reforçar a interconexão dos tópicos.

O público-alvo compreende pesquisadores, professores, analistas de dados, profissionais e estudantes que regularmente lidam com a tomada de decisões em pesquisa. Os estudantes de pós-graduação encontrarão aqui uma obra repleta de exemplos para adaptar na análise dos dados de seus projetos de pesquisa. Professores de graduação e pós-graduação terão acesso a uma obra didática de referência, direcionada para seus alunos. Pesquisadores e analistas de dados iniciantes descobrirão um valioso acervo de informações e referências para a construção de projetos e manuscritos. Pesquisadores e os cientistas mais experientes podem recorrer às referências e esclarecimentos mais atuais sobre vieses, paradoxos, mitos e mal práticas em pesquisa. E mesmo os leitores não familiarizados ainda com as técnicas de análise de dados em pesquisa terão a oportunidade de apreciar o papel fundamental de colocar e responder suas perguntas na busca do conhecimento científico.

Arthur de Sá Ferreira, DSc



PARTE 1 - Pensamento Científico



Capítulo 1

Pensamento probabilístico

1.1 Experimento

1.1.1 O que é um experimento?

- Um experimento é um processo de medição ou simulação cujo resultado é chamado de desfecho.
- Em um experimento aleatório, o desfecho é imprevisível. 1
- Tentativa se refere a uma repetição de um experimento aleatório. 1

1.2 Espaços amostrais e eventos

1.2.1 O que é evento?

- Um evento E é um único desfecho ou uma coleção de desfechos. 1
- Um evento E é um subconjunto do espaço amostral S de um experimento. 1

1.2.2 O que é espaço de eventos?

- A união de dois eventos $E_1 \cup E_2$ é o conjunto de todos os desfechos que estão em ambos.
- A intersecção de dois eventos $E_1 \cap E_2$, ou evento conjunto, é o conjunto de todos os desfechos que estão em ambos os eventos. 1
- O complemento de um evento E^C consiste em todos os desfechos que não estão incluídos no evento E^1

1.2.3 O que é espaço amostral?

- O espaço amostral S de um experimento aleatório é definido como o conjunto de todos os desfechos possíveis de um experimento. 1
- Em probabilidade discreta, o espaço amostral S pode ser enumerado e contato. 1

1.3 Probabilidade

1.3.1 O que é probabilidade?

- Com um espaço amostral S finito e não vazio de desfechos igualmente prováveis, a probabilidade de um evento E é a razão entre o número de desfechos no evento E e o número de desfechos no espaço amostral S^{-1}
- Um evento E impossível não contém um desfecho e, portanto, nunca ocorre: P(E) = 0.1
- Um evento E é certo consiste em qualquer um dos desfechos possíveis e, portanto, sempre ocorre: $P(E) = 1.^1$

1.3.2 Quais são os axiomas da probabilidade?

- A probabilidade de um evento é um número real que satisfaz os seguintes axiomas:¹
 - Axioma I. Probabilidades de um evento E são números não-negativos: $P(E) \ge 0$.
 - Axioma II. Probabilidade de todos os eventos do espaço amostral A ocorrerem é 100%: P(S) = 1.
 - Axioma III. A probabilidade de um conjunto k de eventos mutuamente exclusivos é igual a soma da probabilidade de cada evento: $P(E_1 \cup E_2 \cup ... E_k) = P(E_1) + P(E_2) + ... + P(E_k)$.
- Os axiomas possuem as seguintes consequências:1
 - A soma da probabilidade de dois eventos que dividem o espaço amostral é 100%: $P(E) + P(E)^{C} = 1$.
 - O valor máximo de probabilidade de um evento é 100%: $P(S) \leq 1$.
 - A probabilidade é uma função não descrescente do número de desfeschos de um evento.

1.4 Independência e probabilidade

1.4.1 O que é independência em estatística?

- Em experimentos aleatórios, é comum assumir que os eventos de tentativas separadas são independentes devido a independência física de eventos e experimentos.¹
- Se a ocorrência do evento E_1 não tiver efeito na ocorrência do evento E_2 , os eventos E_1 e E_2 são considerados estatisticamente independentes.
- Eventos são mutuamente exclusivos, ou disjuntos, se a ocorrência de um exclui a ocorrência dos outros. 1
- Se dois eventos E_1 e E_2 são mutuamente exclusivos, então os eventos E_1 e E_2 não podem ocorrer ao mesmo tempo e, portanto, são eventos dependentes.
- Em experimentos independentes, o desfecho de uma tentativa é independente dos desfechos de outras tentativas, passadas e/ou futuras. Uma tentativa em um experimento aleatório é independente se a probabilidade de cada desfecho possível não mudar de tentativa para tentativa.¹

1.4.2 O que é probabilidade marginal?

• Probabilidade marginal é a probabilidade de ocorrência de um evento E independentemente da(s) probabilidade(s) de outro(s) evento(s).

1.4.3 O que é probabilidade conjunta?

- Probabilidade conjunta é a probabilidade de ocorrência de dois ou mais eventos independentes $E_1, E_2, ..., E_k$, independentemente da(s) probabilidade(s) de outro(s) evento(s).
- Se a probabilidade conjunta dos eventos é nula ($E_1 \cup E_2 = 0$), esses dois eventos E_1 e E_2 são mutuamente exclusivos ou disjuntos.¹

1.4.4 O que é probabilidade condicional?

- Probabilidade condicional é a probabilidade de ocorrência do evento E_2 quando se sabe que o evento E_1 já ocorreu $P(E_2|E_1)$. 1
- A probabilidade condicional $P(E_2|E_1)$ representa que a ocorrência do evento E_1 fornece informação sobre a ocorrência do evento E_2 .
- Se a ocorrência do evento E_1 tiver alguma influência na ocorrência do evento E_2 , então a probabilidade condicional do evento E_2 dado o evento E_1 pode ser maior ou menor do que a probabilidade marginal.

1.5 Leis dos grandes números

1.5.1 O que é a lei dos grandes números?

• .[REF]

1.6 Leis dos pequenos números

1.6.1 O que é a lei dos pequenos números?

- A crença exagerada na probabilidade de replicar com sucesso os achados de um estudo, pela tendência de se considerar uma amostra como representativa da população.²
- A crença na lei dos pequenos números se refere à tendência de superestimar a estabilidade das estimativas provenientes de estudos com amostras pequenas.³
- Quando se percebe uma padrão, pode não ser possível identificar se tal padrão é real.⁴
 - 1a Lei Forte dos Pequenos Números: "Não há pequenos números suficientes para atender às muitas demandas que lhes são feitas".⁴
 - 2a Lei Forte dos Pequenos Números: "Quando dois números parecem iguais, não são necessariamente assim".⁵

1.7 Leis dos números anômalos

1.7.1 O que é a lei dos números anômalos?

• .[REF]

1.8 Teorema central do limite

1.8.1 O que é teorema central do limite?

• .[REF]

1.9 Regressão para a média

1.9.1 O que é regressão para a média?

• .[REF]



Capítulo 2

Pensamento estatístico

2.1 População e amostra

2.1.1 O que é população?

- População ou população-alvo refere-se ao conjunto completo sobre o qual se pretende obter informações.⁶
- População é metodologicamente delimitada pelos critérios de inclusão e exclusão do estudo.⁶
- Em estudos observacionais, inicialmente as características geográficas e/ou demográficas, por exemplo, definem a população a ser estudada.⁶
- Em estudos analíticos, a população é inicialmente definida pelos objtivos da pesquisa e posteriormente as observações são realizadas na amostra.⁶

2.1.2 O que é amostra?

- Amostra é uma parte da população do estudo.⁶
- Em pesquisa científica, utilizam-se dados de uma amostra de participantes (ou outras unidades de análise) para realizar inferências sobre a população.⁷

2.1.3 O que é generalização de uma população?

 Generalização de uma população refere-se à extrapolação das conclusões do estudo, observados na amostra, para a população.⁶

2.2 Amostragem

2.2.1 O que é amostragem?

• .[REF]

2.2.2 Quais métodos de amostragem são usados para obter uma amostra da população?

- O método de amostragem é geralmente defindo pelas condições de viabilidade do estudo, no que diz respeito a acesso aos participantes, ao tempo de execução e aos custos envolvidos, entre outras.⁶
- Não-probabilísticas ou intencionais:⁶
 - Bola de neve.
 - Conveniência.
 - Participantes encaminhados
- Probabilísticas:6

- Simples.
- Sistemática.
- Multiestágio.
- Estratificada.
- Agregada.

2.3 Tamanho da amostra

2.3.1 O que é tamanho da amostra?

• .6

2.3.2 Por que determinar o tamanho da amostra é importante?

 Uma amostra muito pequena para o estudo pode resultar em ajuste exagerado, imprecisão e baixo poder do teste.⁸

2.3.3 Como é determinado o tamanho da amostra de um estudo?

 Geralmente é recomendado ser cético em relação às regras práticas para o tamanho da amostra, tais como a proporção entre o número de variáveis (ou eventos) e de participantes.⁸



O pacote *pwr*⁹ fornece a função *cohen.ES*^a para cálculo do tamanho da amostra baseado em diferentes testes de hipóteses.

2.3.4 Quais aspectos éticos estão envolvidos no tamanho da amostra?

- O tratamento ético dos participantes do estudo, portanto, não exige que se considere se o poder do estudo é inferior à meta convencional de 80% ou 90%.¹⁰
- Estudos com poder <80% não são necessariamente antiéticos. 10
- Grandes estudos podem ser desejáveis por outras razões que não as éticas. ¹⁰

2.4 Reamostragem

2.4.1 O que é reamostragem?

- Reamostragem é um procedimento que cria vários conjuntos de dados sorteados a partir de um conjunto de dados real a amostra da população sem a necessidade de fazer suposições sobre os dados e suas distribuições.⁷
- O procedimento é repetido várias vezes para usar a variabilidade dos resultados para obter um intervalo de confiança do parâmetro.⁷

2.4.2 Por que utilizar reamostragem?

- Quando se dispõe de dados de apenas 1 amostra, as diversas suposições que são feitas podem não ser atingidas.⁷
- Procedimentos de reamostragem produzem um conjunto de observações escolhidas aleatoriamente da amostra, igualmente representativo da população original.⁷
- Procedimentos de reamostragem permitem estimar o erro-padrão e intervalos de confiança sem a necessidade de tais suposições, sendo, portanto, um conjunto de procedimentos não-paramétricos.⁷

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/pwr/versions/1.3-0/topics/cohen.ES

2.5. ALOCAÇÃO 9

2.4.3 Quais procedimentos de reamostragem podem ser realizados?

• *Bootstrap*: Cada iteração gera uma amostra *bootstrap* do mesmo tamanho do conjunto de dados original escolhendo aleatoriamente observações reais, uma de cada vez. Cada observação tem chances iguais de ser escolhida a cada vez, portanto, algumas observações serão escolhidas mais de uma vez e outras nem serão escolhidas.⁷

2.5 Alocação

- 2.5.1 O que é alocação?
 - .[REF]

2.6 Aleatorização

- .[REF]
- 2.6.1 O que é aleatorização?
- 2.7 Cegamento
 - .[REF]
- 2.7.1 O que é cegamento?



Capítulo 3

Paradoxos estatísticos

- 3.1 Paradoxos estatísticos
- 3.1.1 O que são paradoxos estatísticos?
 - .[REF]
- 3.2 Paradoxo de Abelson
 - .11
- 3.3 Paradoxo de Berkson
 - .12
- 3.4 Paradoxo de Ellsberg
 - .13
- 3.5 Paradoxo de Freedman
 - . 14,15
- 3.6 Paradoxo de Hand
 - .16
- 3.7 Paradoxo de Lindley
 - .17
- 3.8 Paradoxo de Lord
 - .18,19
- 3.9 Paradoxo de Proebsting
 - .[REF]

3.10 Paradoxo de Simpson

• .20,21

3.11 Paradoxo de Stein

• .22

3.12 Paradoxo de Okie

• .[REF]

3.13 Paradoxo da acurácia

• .[REF]

3.14 Paradoxo do elevador

• .23

3.15 Paradoxo do falso positivo

• .[REF]

3.16 Paradoxo da amizade

• .24

Capítulo 4

Pensamento metodológico

4.1 Estatística e Epidemiologia

4.1.1 Qual a relação entre estatística e metodologia da pesquisa científica?

• .25

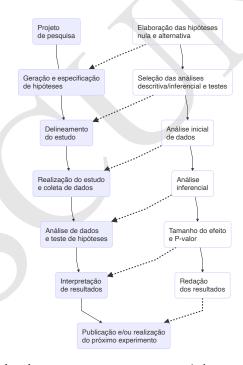


Figura 4.1: Mapa mental da relação entre o pensamento estatístico e o pensamento metodológico.

4.2 Delineamento de estudos

4.2.1 Como podem ser classificados os estudos científicos?

- Estudos científicos podem ser classificados em básicos, observacionais, experimentais, acurácia diagnóstica, propriedades psicométricas, avaliação econômica e revisões de literatura: 26-35
- Estudos básicos^{27,32}
 - Genética
 - Celular
 - Experimentos com animais

- Desenvolvimento de métodos
- Estudos de simulação computacional^{33,35}
- Estudos observacionais^{27,32}
 - Descritivo
 - * Estudo de caso
 - * Série de casos
 - * Transversal
 - Analítico
 - * Transversal
 - * Caso-Controle
 - · Caso-Controle aninhado
 - · Caso-Coorte
 - Coorte prospectiva ou retrospectiva
- Estudos de desempenho diagnóstico^{31,34}
 - Transversal
 - Caso-Controle
 - Comparativo
 - Totalmente pareado
 - Parcialmente pareado com subgrupo aleatório
 - Parcialmente pareado com subgrupo não aleatório
 - Não pareado aleatório
 - Não pareado não aleatório
- Estudos de propriedades psicométricas^{28,30}
 - Validade
 - Confiabilidade
 - Concordância
- Estudos quase-experimentais²⁹
 - Quase-aleatorizado controlado
 - Estimação de variável instrumental
 - Descontinuidade de regressão
 - Série temporal interrompida controlada
 - Série temporal interrompida
 - Diferença
- Estudos experimentais^{27,32}
 - Fases I a IV
 - * Aleatorizado controlado
 - * Não-aleatorizado controlado
 - * Autocontrolado
 - * Cruzado

- * Fatorial
- Campo
- Comunitário
- Estudos de avaliação econômica²⁷
 - Análise de custo
 - Análise de minimização de custo
 - Análise de custo-utilidade
 - Análise de custo-efetividade
 - Análise de custo-benefício
- Estudos de revisão²⁶
 - Estado-da-arte
 - Narrativa
 - Crítica
 - Mapeamento
 - Escopo
 - Busca e revisão sistemática
 - Sistematizada
 - Sistemática
 - * Meta-análise
 - * Bibliométrica.^{36,37}
 - Sistemática qualitativa
 - Mista
 - Visão geral
 - Rápida
 - Guarda-chuva

4.3 Validade do estudo

4.3.1 O que é validade interna?

. 38

4.3.2 Que fatores afetam a validade interna?

• .[REF]

4.3.3 O que é validade externa?

• .38

4.3.4 Que fatores afetam a validade externa?

- A amostragem não probabilística pode dificultar a generalização dos achados da amostra para a população, diminuindo assim a validade externa do estudo.⁶
- Quando as características da amostra obtida por seleção não probabilística forem similares às da população, a validade externa pode ser maior.⁶

4.3.5 Como avaliar a validade de um estudo?

 As características da amostra apresentadas na Tabela 1 são úteis para interpretação da validade interna e externa dos achados do estudo.³⁹

4.4 Reprodutibilidade

4.4.1 O que é reprodutibilidade?

• Reprodutibilidade é a habilidade de se obter resultados iguais ou similares quando uma análise ou teste estatístico é repetido. 40–42

4.4.2 O que é replicabilidade?

• Replicabilidade é a habilidade de se obter conclusões iguais ou similares quando um experimento é repetido. 41,42

4.4.3 Por que reprodutibilidade é importante?

- Analisar a reprodutibilidade pode fornecer evidências a respeito da objetividade e confiabilidade dos achados, em detrimento de terem sido obtidos devido a vieses ou ao acaso.⁴⁰
- A reprodutibilidade não é apenas uma questão metodológica, mas também ética, uma vez que pode envolver mal práticas científicas como fabricação e/ou falsificação de dados.⁴⁰
- Reprodutibilidade pode ser considerada um padrão mínimo em pesquisa científica. 41]

4.4.4 Como contribuir para a reprodutibilidade?

Disponibilize publicamente os bancos de dados, respeitando as considerações éticas vigentes (ex.: autorização dos participantes e do Comitê de Ética em Pesquisa) e internacionalmente.⁴²

Vieses metodológicos

- 5.1 Vieses
- 5.1.1 O que são vieses?
 - .[REF]
- 5.2 Falácia do jogador
- 5.2.1 O que é falácia do jogador?
 - .[REF]



PARTE 2 - Estatística Básica



Unidade de análise

6.1 Definição

6.1.1 O que é unidade de análise?

- A unidade de análise (ou unidade experimental) de pesquisas na área de saúde geralmente é o indivíduo.⁴³
- A unidade de análise também pode ser a instituição em estudos multicêntricos (ex.: hospitais, clínicas) ou um estudo publicado em meta-análise (ex.: ensaios clínicos).⁴³
- É fundamental identificar corretamente a unidade de análise para evitar inflação do tamanho da amostra (ex.: medidas bilaterais resultando em o dobro de participantes), violações de suposições dos testes de hipótese (ex.: independência entre medidas e/ou unidade de análise) e resultados espúrios em testes de hipótese (ex.: p-valores menores que aqueles observados se a amostra não estivesse inflada). 43,44

6.2 Pareamento

6.2.1 O que é pareamento?

- Pareamento significa que para cada participante de um grupo (por exemplo, com alguma condição clínica), existe um (ou mais) participantes (por exemplo, grupo controle) que possui características iguais ou similares relativas a algumas variáveis de interesse.⁴⁵
- As variáveis escolhidas para pareamento devem ter relação com as variáveis de desfecho, mas não são de interesse elas mesmas.⁴⁵
- O ajuste por pareamento deve ser incluído nas análises estatísticas mesmo que as variáveis de pareamento não sejam consideradas prognósticas ou confundidores na amostra estudada.⁴⁵
- A ausência de evidência estatística de diferença entre grupos não é considerada pareamento. 45

6.3 Medidas únicas ou múltiplas

6.3.1 Como podem ser coletadas as informações da unidade de análise?

• Da unidade de análise podem ser coletadas informações em medidas únicas, repetidas, seriadas ou múltiplas.

6.3.1.1 Medidas únicas

A medida única da pressão arterial sistólica no braço esquerdo resulta em um valor pontual. O valor pontual será considerado representativo da variável para a unidade de análise (ex.: 120 mmHg para o participante #9). Medidas únicas obtidas de diferentes unidades de análise podem ser consideradas independentes se observadas outras condições na coleta de dados.

Unidade de análise	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg)	
1	118	
2	113	
3	116	
4	110	
5	111	
6	116	
7	120	
8	111	
9	120	
10	112	

Tabela 6.1: Tabela de dados bruto com medidas únicas.

Tabela 6.2: Tabela de dados bruto com medidas repetidas.

Unidade de análise	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg) #1	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg) #2	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg) #3	
1	114	112	112	
2	115	120	113	
3	115	110	120	
4	117	116	114	
5	110	118	116	
6	110	120	113	
7	118	114	117	
8	111	112	119	
9	120	112	117	
10	110	115	115	

6.3.1.2 Medidas repetidas

- A medida repetida da pressão arterial no braço esquerdo, resultando em um conjunto de valores pontuais (ex.: 110 mmHg, 118 mmHg e 116 mmHg para o participante #5). As medidas repetidas podem ser tabuladas separadamente, por exemplo para análise da confiabilidade de obtenção dessa medida.
- As medidas repetidas podem ser agregadas por algum parâmetro ex.: média, mediana, máximo, mínimo, entre outros—, observando-se a relevância biológica, clínica e/ou metodológica desta escolha. O valor agregado será considerado representativo da variável para a unidade de análise (ex.: média = 115 mmHg para o participante #5). Medidas agregadas obtidas de diferentes unidades de análise podem ser consideradas independentes se observadas outras condições na coleta de dados.

Tabela 6.3: Tabela de dados bruto com medidas repetidas agregadas.

	Unidade de análise	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg) média
	1	112.6667
	2	116.0000
	3	115.0000
	4	115.6667
~	5	114.6667
	6	114.3333
	7	116.3333
	8	114.0000
	9	116.3333
	10	113.3333

Unidade de análise	Tempo (min)	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg)
1	1	114
1	2	120
1	3	110
2	1	119
2	2	120
2	3	114
3	1	116
3	2	114
3	3	116
4	1	113

Tabela 6.4: Tabela de dados bruto com medidas seriadas não agregadas.

Tabela 6.5: Tabela de dados bruto com medidas seriadas não agregadas.

Unidade de análise	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg) amplitude
1	10
2	6
3	2
4	6
5	1
6	8
7	9
8	10
9	7
10	5



O pacote *stats*⁴⁶ fornece a função *aggregate*^a para agregar medidas repetidas utilizando uma função personalizada.

6.3.1.3 Medidas seriadas

- Medidas seriadas são possivelmente relacionadas e, portanto, dependentes na mesma unidade de análise. Por exemplo, a medida seriada da pressão arterial no braço esquerdo, em intervalos tipicamente regulares (ex.: 114 mmHg, 120 mmHg e 110 mmHg em 1 min, 2 min e 3 min, respectivamente, para o participante #1).
- Medidas seriadas também agregadas por parâmetros ex.: máximo, mínimo, amplitude são consideradas representativas da variação temporal ou de uma característica de interesse (ex.: amplitude = 10 mmHg para o participante #1).



O pacote *stats*⁴⁶ fornece a função *aggregate*^a para agregar medidas repetidas utilizando uma função personalizada.

6.3.1.4 Medidas múltiplas

A medida de pressão arterial bilateral resulta em um conjunto de valores pontuais (ex.: braço esquerdo = 114 mmHg, braço direito = 118 mmHg para o participante #8). Neste caso, ambos os valores pontuais são considerados representativos daquela unidade de análise. Medidas múltiplas também são possivelmente

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/aggregate

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/aggregate

Tabela 6.6: Tabela de dados bruto com medidas múltiplas.

Unidade de análise	Pressão arterial, braço esquerdo (mmHg)	Pressão arterial, braço direito (mmHg)
1	117	115
2	120	118
3	112	118
4	112	112
5	116	112
6	112	118
7	115	113
8	114	118
9	119	114
10	112	116

relacionadas e, portanto, são dependentes na mesma unidade de análise. Medidas múltiplas podem ser obtidas de modo repetido para análise agregada ou seriada.



O pacote $stats^{46}$ fornece a função $aggregate^a$ para agregar medidas repetidas utilizando uma função personalizada.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/aggregate

Dados e metadados

7.1 Dados

7.1.1 O que são dados?

- "Tudo são dados".47
- Dados coletados em um estudo geralmente contêm erros de mensuração e/ou classificação, dados perdidos e são agrupados por alguma unidade de análise.⁸

7.1.2 O que são dados primários e secundários?

- Dados primários são dados originais coletados intencionalmente para uma determinada análise exploratória ou inferencial planejada a priori.⁴⁸
- Dados secundários compreendem dados coletados inicialmente para análises de um estudo, e são subsequentemente utilizados para outras análises.

7.2 Dados perdidos

7.2.1 O que são dados perdidos?

Dados perdidos são dados não coletados de um ou mais participantes, para uma ou mais variáveis.



O pacote *base*⁵⁰ fornece a função *is.na*^a para identificar que elementos de um objeto são dados perdidos.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/na

7.2.2 Qual o problema de um estudo ter dados perdidos?

- Uma grande quantidade de dados perdidos pode comprometer a integridade científica do estudo, considerando-se que o tamanho da amostra foi estimado para observar um determinado tamanho de efeito mínimo.⁴⁹
- Perda de participantes no estudo por dados perdidos pode reduzir o poder estatístico (erro tipo II).
- Não existe solução globalmente satisfatória para o problema de dados perdidos.

7.2.3 Quais os mecanismos geradores de dados perdidos?

• Dados perdidos completamente ao acaso (*missing completely at random*, MCAR), em que os dados perdidos estão distribuídos aleatoriamente nos dados da amostra. ^{51,52}

- Dados perdidos ao acaso (missing at random, MAR), em que a probabilidade de ocorrência de dados perdidos é relacionada a outras variáveis medidas.^{51,52}
- Dados perdidos não ao acaso (missing not at random, MNAR), em que a probabilidade da ocorrência de dados perdidos é relacionada com a própria variável.^{51,52}

7.2.4 Como identificar o mecanismo gerador de dados perdidos em um banco de dados?

- Por definição, não é possível avaliar se os dados foram perdidos ao acaso (MAR) ou não (MNAR).⁵¹
- Testes t e regressões logísticas podem ser aplicados para identificar relações entre variáveis com e sem dados perdidos, criando um fator de análise ('dado perdido' = 1, 'dado observado' = 0).⁵¹



O pacote *misty*⁵³ fornece a função *na.test*^a para executar o Little's Missing Completely at Random (MCAR) test⁵⁴.

7.2.5 Que estratégias podem ser utilizadas na coleta de dados quando há expectativa de perda amostral?

 Na expectativa de ocorrência de perda amostral, com consequente ocorrência de dados perdidos, recomendase ampliar o tamanho da amostra com um % correspondente à tal estimativa - embora ainda não corrija potenciais vieses pela perda.⁴⁹

7.2.6 Que estratégias podem ser utilizadas na análise quando há dados perdidos?

- Na ocorrência de dados perdidos, a análise mais comum compreende apenas os 'casos completos', com exclusão de participantes com algum dado perdido nas variáveis do estudo. Em casos de grande quantidade de dados perdidos, pode-se perder muito poder estatístico (erro tipo II elevado).
- A análise de dados completos é válida quando pode se argumentar que que a probabilidade de o participante ter dados completos depende apenas das covariáveis e não dos desfechos.⁵²
- A análise de dados completos é eficiente quando todos os dados perdidos estão no desfecho, ou quando cada participante com dados perdidos nas covariáveis também possui dados perdidos nos desfechos.⁵²



O pacote $base^{50}$ fornece a função $na.omit^a$ para remover dados perdidos de um objeto em um banco de dados.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/na.fail



O pacote *stats*⁵⁵ fornece a função *complete.cases*^a para identificar os casos completos - isto é, sem dados perdidos - em um banco de dados.

- Na ocorrência de dados perdidos, a imputação de dados (substituição por dados simulados plausíveis preditos pelos dados presentes) pode ser uma alternativa para manter o erro tipo II estipulado no plano de análise.
- A análise com imputação de dados pode ser útil quando pode-se argumentar que os dados foram perdidos ao acaso (MAR); quando o desfecho foi observado e os dados perdidos estão nas covariáveis; e variáveis auxiliares - preditoras do desfecho e não dos dados perdidos - estão disponíveis.⁵²
- Em dados longitudinais com um pequeno número de 'ondas' (medidas repetidas) e poucas variáveis, para análise com modelos de regressão univariados, a imputação via especificação condicional completa também conhecido como imputação multivariada por equações encadeadas (*multivaraite imputation by chained equations*, MICE) é eficiente do ponto de vista computacional e possui acurácia e precisão para estimação de parâmetros. 51,56

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/misty/versions/0.5.0/topics/na.test

 $^{{\}it "https://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/complete.cases}$

7.3. METADADOS 27



Os pacotes *mice*⁵⁷ e *miceadds*⁵⁸ fornecem funções *mice*^a e *mi.anova*^b para imputação multivariada por equações encadeadas, respectivamente, para imputação de dados.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/mice/versions/3.16.0/topics/mice

7.2.7 Que estratégias podem ser utilizadas na redação de estudos em que há dados perdidos?

• Informar: o número de participantes com dados perdidos; diferenças nas taxas de dados perdidos entre os braços do estudo; os motivos dos dados perdidos; o fluxo de participantes; quaisquer diferenças entre os participantes com e sem dados perdidos; o padrão de ausência (por exemplo, se é aleatória); os métodos para tratamento de dados perdidos das variáveis em análise; os resultados de quaisquer análises de sensibilidade; as implicações dos dados perdidos na interpretação do resultados.⁵⁹

7.3 Metadados

7.3.1 O que são metadados?

- Metadados são informações técnicas relacionadas às variáveis do estudo, tais como rótulos, limites de valores plausíveis, códigos para dados perdidos e unidades de medida.⁶⁰
- Metadados também são informações relacionadas ao delineamento e/ou protocolo do estudo, recrutamento dos participantes, e métodos para realização das medidas.



O pacote base⁶¹ fornece a função names^a para declarar o nome de uma variável.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/names



O pacote *units*⁶² fornece a função *units*^a para declarar as unidades de medida de uma variável.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/units/versions/0.8-3/topics/units



O pacote base⁶¹ fornece a função labels^a para declarar o rótulo de uma variável.

 ${\it ^a} https://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/labels$



O pacote *Hmisc*⁶³ fornece a função *contents*^a para criar um objeto com os metadados (nomes, rótulos, unidades, quantidade e níveis das variáveis categóricas, e quantidade de dados perdidos) de um dataframe.

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/miceadds/versions/3.16-18/topics/mi.anova

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/Hmisc/versions/5.1-0/topics/contents



Variáveis e fatores

8.1 Variáveis

8.1.1 O que são variáveis?

- Variáveis são informações que podem variar entre medidas em diferentes indivíduos e/ou repetições.⁶⁴
- Variáveis definem características de uma amostra extraída da população, tipicamente observados por aplicação de métodos de amostragem (isto é, seleção) da população de interesse.

8.1.2 Como são classificadas as variáveis?

- Quanto à informação: 48,65-67
 - Quantitativa
 - Qualitativa
- Quanto ao conteúdo: 48,65-68
 - Contínua: representam ordem e magnitude entre valores.
 - * Contínua (números inteiros) vs. Discreta (números racionais).
 - * Intervalo (valor '0' é arbitrário) vs. Razão (valor '0' verdadeiro).
 - Categórica ordinal (numérica ou nominal): representam ordem mas não magnitude entre valores.
 - Categórica nominal (multinominal ou dicotômica): não representam ordem ou magnitude, apenas categorias.
- Quanto à interpretação: 48,65-67
 - Dependente (desfecho)
 - Independente (preditora, covariável, confundidora, controle)
 - Mediadora
 - Moderadora
 - Modificadora
 - Auxiliar
 - Indicadora



O pacote base⁵⁰ fornece a função class^a para identificar qual é o tipo do objeto.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/class



O pacote $base^{50}$ fornece as funções $as.numeric^a$ e $as.character^b$ para criar objetos numéricos e categóricos, respectivamente.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/numeric

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/character



O pacote *base*⁵⁰ fornece as funções *as.Date*^a e *as.logical*^b para criar objetos em formato de data e lógicos (VERDADEIRO, FALSO), respectivamente.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/as.Date

8.1.3 Por que é importante classificar as variáveis?

 Identificar corretamente os tipos de variáveis da pesquisa é uma das etapas da escolha dos métodos estatísticos adequados para as análises e representações no texto, tabelas e gráficos.⁶⁶

8.2 Transformação de variáveis contínuas

8.2.1 O que é transformação de variáveis contínuas?

- Transformação significa aplicar uma função matemática à variável medida em sua unidade original.⁶⁹
- A transformação visa atender aos pressupostos dos modelos estatísticos quanto à distribuição da variável, em geral a distribuição gaussiana.^{48,69}
- A dicotomização pode ser interpretada como um caso particular de agrupamento. ⁷⁰

8.2.2 Por que transformar variáveis?

- Muitos procedimentos estatísticos supõem que as variáveis ou seus termos de erro, mais especificamente são normalmente distribuídas. A violação dessa suposição pode aumentar suas chances de cometer um erro do tipo I ou II.⁷¹
- Mesmo quando se está usando análises consideradas robustas para violações dessas suposições ou testes não paramétricos (que não assumem explicitamente termos de erro normalmente distribuídos), atender a essas questões pode melhorar os resultados das análises (por exemplo, Zimmerman, 1995).⁷¹

8.2.3 Quais transformações podem ser aplicadas?

- Distribuições com assimetria à direita:⁷¹
 - Raiz quadrada
 - Logaritmo natural
 - Logaritmo base 10
 - Transformação inversa
- Distribuições com assimetria à esquerda:⁷¹
 - Reflexão e raiz quadrada
 - Reflexão e logaritmo natural
 - Reflexão e logaritmo base 10
 - Reflexão e transformação inversa
- Transformação arco-seno.71
- Transformação de Box-Cox.⁷²

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/logical

· Dicotomização.



O pacote MASS⁷³ fornece a função boxcox^a para executar a transformação de Box-Cox.⁷²

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/MASS/versions/7.3-58.3/topics/boxcox

8.3 Categorização de variáveis contínuas

8.3.1 O que é categorização de uma variável?

• .[REF]

8.3.2 Por que não é recomendado categorizar variáveis contínuas?

- Nenhum dos argumentos usados para defender a categorização de variáveis se sustenta sob uma análise técnica rigorosa.⁷⁴
- Categorizar variáveis não é necessário para conduzir análises estatísticas. Ao invés de categorizar, priorize as variáveis contínuas.^{75–77}
- Em geral, não existe uma justificativa racional (plausibilidade biológica) para assumir que as categorias artificiais subjacentes existam. 75–77
- Caso exista um ponto de corte ou limiar verdadeiro que discrimine três ou mais grupos independentes, identificar tal ponto de corte ainda é um desafio.⁷⁸
- Categorização de variáveis contínuas aumenta a quantidade de testes de hipótese para comparações pareadas entre os quantis, inflando, portanto, o erro tipo I.⁷⁹
- Categorização de variáveis contínuas requer uma função teórica que pressupõe a homogeneidade da variável dentro dos grupos, levando tanto a uma perda de poder como a uma estimativa imprecisa.⁷⁹
- Categorização de variáveis contínuas pode dificultar a comparação de resultados entre estudos devido aos pontos de corte baseados em dados de um banco usados para definir as categorias.⁷⁹

8.3.3 Quais são as alternativas à categorização de variáveis contínuas?

- Análise com os dados das variáveis na escala de medida original.⁷⁴
- Análise com modelos de regressão com pesos locais (lowess) tais como splines e polinômios fracionais.⁷⁴

8.4 Dicotomização de variáveis contínuas

8.4.1 O que são variáveis dicotômicas?

- Variáveis dicotômicas (ou binárias) podem representar categorias naturais tipo "presente/ausente", "sim/não".[REF]
- Variáveis dicotômicas podem representar categorias fictícias, criadas a partir de variáveis multinominais, em que cada nível é convertido em uma variável dicotômica *dummy*.[REF]
- Geralmente são representadas por "1" e "0".[REF]

8.4.2 Quais argumentos são usados para defender a categorização ou dicotomização de variáveis contínuas?

- O argumento principal para dicotomização de variáveis é que tal procedimento facilita e simplifica a apresentação dos resultados, principalmente para o público em geral.⁷⁰
- Os pesquisadores não conhecem as consequências estatísticas da dicotomização.⁷⁴
- Os pesquisadores não conhecem os métodos adequados de análise não-paramétrica, não-linear e robusta.

- As categorias representam características existentes dos participantes da pesquisa, de modo que as análises devam ser feitas por grupos e não por indivíduos.⁷⁴
- A confiabilidade da(s) variável(eis) medida(s) é baixa e, portanto, categorizar os participantes resultaria em uma medida mais confiável.⁷⁴

8.4.3 Por que não é recomendado dicotomizar variáveis contínuas?

- Nenhum dos argumentos usados para defender a dicotomização de variáveis se sustenta sob uma análise técnica rigorosa.⁷⁴
- Dicotomizar variáveis não é necessário para conduzir análises estatísticas. Ao invés de dicotomizar, priorize as variáveis contínuas.^{75–77}
- Em geral, não existe uma justificativa racional (plausibilidade biológica) para assumir que as categorias artificiais subjacentes existam. 75–77
- Dicotomização causa perda de informação e consequentemente perda de poder estatístico para detectar efeitos.^{74,75}
- Dicotomização também classifica indivíduos com valores próximos na variável contínua como indivíduos em pontos opostos e extremos, artificialmente sugerindo que são muito diferentes.⁷⁵
- Dicotomização pode diminuir a variabilidade das variáveis.⁷⁵
- Dicotomização pode ocultar não-linearidades presentes na variável contínua. 74,75
- A média ou a mediana, embora amplamente utilizadas, não são bons parâmetros para dicotomizar variáveis.^{70,75}
- Caso exista um ponto de corte ou limiar verdadeiro que discrimine dois grupos independentes, identificar tal ponto de corte ainda é um desafio.⁷⁸

8.4.4 Quais cenários legitimam a dicotomização das variáveis contínuas?

- Quando existem dados e/ou análises que suportem a existência não apenas a suposição ou teorização de categorias com um ponto de corte claro e com significado entre elas.⁷⁴
- Quando a distribuição da variável contínua é muito assimétrica, de modo que uma grande quantidade de observações está em um dos extremos da escala.⁷⁴

8.4.5 Quais métodos são usados para dicotomizar variáveis contínuas?

- Em termos de tabelas de contingência 2x2, os seguintes métodos permitem⁷⁸ a identificação do limiar verdadeiro:
 - Youden.⁸⁰
 - Gini Index.⁸¹
 - Estatística qui-quadrado (χ^2) .82
 - Risco relativo (RR).83
 - Kappa (κ).⁸⁴.

8.5 Fatores

8.5.1 O que são fatores?

- Fator é um sinônimo de variável categórica.[REF]
- Na modelagem, fator é sinônimo de variável preditora, em particular quando se refere à modelagem de efeitos fixos e aleatórios os fatores (variáveis) são fatores fixos ou fatores aleatórios.[REF]

8.5. FATORES 33

• Fatores são variáveis controladas pelos pesquisadores em um experimento para determinar seu efeito na(s) variável(ies) de resposta. Um fator pode assumir apenas um pequeno número de valores, conhecidos como níveis. Os fatores podem ser uma variável categórica ou baseados em uma variável contínua, mas usam apenas um número limitado de valores escolhidos pelos experimentadores.[REF]



O pacote base⁵⁰ fornece a função as.factor^a para converter uma variável em fator.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/factor

8.5.2 O que são níveis de um fator?

• Níveis de um fator são as possíveis categorias que descrevem um fator.[REF]



O pacote $base^{50}$ fornece as funções $levels^a$ e $nlevels^b$ para listar os níveis e a quantidade deles em um fator.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/levels

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/nlevels



Distribuições e parâmetros

9.1 Distribuições de probabilidade

9.1.1 O que são distribuições de probabilidade?

• Uma distribuição de probabilidade é uma função que descreve os valores possíveis ou o intervalo de valores de uma variável (eixo horizontal) e a frequência com que cada valor é observado (eixo vertical).⁴⁸

9.1.2 Quais características definem uma distribuição?

Uma distribuição pode ser definida por modelos matemáticos e caracterizada por sua tendência central, dispersão, simetria e curtose.

9.1.3 Quais são as funções de uma distribuição?

- Função de massa de probabilidade (probability mass function, pmf).[REF]
- Função de distribuição cumulativa (cumulative distribution function, cdf).[REF]
- Função quantílicas (quantile function, qf).[REF]
- Função geradora de números aleatórios (random function, rf).[REF]



O pacote *stats*⁸⁵ fornece funções de distribuição de probabilidade (p), funções de densidade (d), funções quantílicas (q) e funções geradores de números aleatórios (r) para as distribuições normal^a, Student t^b, binomial^c, qui-quadrado^d, uniforme^e, dentre outras.

9.1.4 O que é a distribuição normal?

- A distribuição normal (ou gaussiana) é uma distribuição com desvios simétricos positivos e negativos em torno de um valor central.⁶⁵
- Em uma distribuição normal, o intervalo de 1 desvio-padrão (±1DP) inclui cerca de 68% dos dados; de 2 desvios-padrão (±2DP) cerca de 95% dos dados; e no intervalo de 3 desvios-padrão (±3DP) cerca de 99% dos dados.⁶⁵

9.1.5 O que são distribuições não-normais?

• .[REF]

ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/Normal

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/TDist

 $^{{\}it ^c} https://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/Binomial {\it ^c} https://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/stats/we$

^dhttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/Chisquare

^ehttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/Uniform

9.1.6 Que métodos podem ser utilizados para identificar a normalidade da distribuição?

- Histogramas.48
- Gráficos Q-Q.48
- Testes de hipótese nula:⁴⁸
 - Kolmogorov-Smirnov
 - Shapiro-Wilk
 - Anderson-Darling

9.2 Parâmetros

9.2.1 O que são parâmetros?

- Parâmetros são informações que definem um modelo teórico, como propriedades de uma coleção de indivíduos.⁶⁴
- Parâmetros definem características de uma população inteira, tipicamente não observados por ser inviável ter acesso a todos os indivíduos que constituem tal população.⁴⁸

9.2.2 Que parâmetros podem ser estimados?

- Parâmetros de tendência central. 65,86
- Parâmetros de dispersão. 65,86,87
- Parâmetros de proporção. 65,86,88,88
- Parâmetros de distribuição.86
- Parâmetros de extremos. 65

9.3 Valores esperados

9.3.1 Que parâmetros de tendência central podem ser estimados?

- Média.^{65,86}
- Mediana. 65,86
- Moda.65,86

9.3.2 Que parâmetros de dispersão podem ser estimados?

- Variância. 65,86
- Desvio-padrão: Estima a variabilidade entre as observações e a média amostra, e estima a variabilidade na população.⁸⁷
- Erro-padrão: Estima a variabilidade teórica entre médias amostrais. 87
- Amplitude. 65,86
- Intervalo interquartil. 65,86
- Intervalo de confiança. 65,86

9.3.3 Que parâmetros de proporção podem ser estimados?

- Frequência absoluta. 65,86,88
- Frequência relativa. 65,86,88
- *Percentil*. 65,86,88

• *Quantil*: é o ponto de corte que define a divisão da amostra em grupos de tamanhos iguais. Portanto, não se referem aos grupos em si, mas aos valores que os dividem. ⁸⁸



O pacote stats⁸⁹ fornece a função quantile^a para executar análise de percentis.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/quantile

9.3.4 Que parâmetros de distribuição podem ser estimados?

- Assimetria.86
- Curtose.86

9.3.5 Que parâmetros extremos podem ser estimados?

- Mínimo.65
- Máximo.65



O pacote stats⁸⁹ fornece a função quantile^a para executar análise de percentis.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/quantile

9.4 Valores discrepantes

9.4.1 O que são valores discrepantes?

- Em termos gerais, um valor discrepante "fora da curva" ou *outlier* é uma observação que possui um valor relativamente grande ou pequeno em comparação com a maioria das observações. 90
- Mais especificamente, um valor discrepante é uma observação incomum que exerce influência indevida em uma análise.⁹⁰

9.4.2 Como conduzir análises com valores discrepantes?

- Erros de observação e de medição são uma justificativa válida para descartar observações discrepantes.
- Valores discrepantes na variável de desfecho podem exigir uma abordagem mais refinada, especialmente quando representam uma variação real na variável que está sendo medida.⁹⁰
- Valores discrepantes em uma (co)variável podem surgir devido a um projeto experimental inadequado; nesse caso, abandonar a observação ou transformar a covariável são opções adequadas.
- É importante reportar se existem valores discrepantes e como foram tratados. 90



Tabulação de dados

10.1 Planilhas eletrônicas

10.1.1 Qual a organização de uma tabela de dados?

- As informações podem ser organizadas em formato de dados retangulares (ex.: matrizes, tabelas, quadro de dados) ou não retangulares (ex.: listas).[REF]
- Cada variável possui sua própria coluna (vertical).⁹¹
- Cada observação possui sua própria linha (horizontal).⁹¹
- Cada valor possui sua própria célula especificada em um par (linha, coluna).
- Cada célula possui seu próprio dado.⁹¹



O pacote $DataEditR^{92}$ fornece a função $data_edit^a$ para interativamente criar, editar e salvar a tabela de dados.

10.1.2 Qual a estrutura básica de uma tabela para análise estatística?

- Use apenas 1 (uma) planilha eletrônica para conter todas as informações coletadas. Evite múltiplas abas no mesmo arquivo, assim como múltiplos arquivos quando possível.⁹³
- Use apenas 1 (uma) linha de cabeçalho para nomear os fatores e variáveis do seu estudo.⁹³
- Tipicamente, cada linha representa um participante e cada coluna representa uma variável ou fator do estudo.
 Estudos com medidas repetidas dos participantes podem conter múltiplas linhas para o mesmo participante (repetindo os dados na mesma coluna, conhecido como *formato curto*) ou só uma linha para o participante (repetindo os dados em colunas separadas, conhecido como *formato longo*).

Tabela 10.1: Estrutura básica de uma tabela de dados.

V1	V2	V3	V4
$x_{1,1}$	$x_{1,2}$	$x_{1,3}$	$x_{1,4}$
$x_{2,1}$	$x_{2,2}$	$x_{2,3}$	$x_{2,4}$
$x_{3,1}$	$x_{3,2}$	$x_{3,3}$	$x_{3,4}$
$x_{4,1}$	$x_{4,2}$	$x_{4,3}$	$x_{4,4}$
$x_{5,1}$	$x_{5,2}$	$x_{5,3}$	$x_{5,4}$

 $[^]a https://www.rdocumentation.org/packages/DataEditR/versions/0.1.5/topics/dataInput$

ID	Data.Coleta	Estado.Civil	Numero.Filhos
1	21-10-2023	casado	NA
2	22-10-2023	casado	1
3	23-10-2023	casado	NA
4	24-10-2023	solteiro	NA
5	25-10-2023	casado	NA
6	26-10-2023	solteiro	0
7	27-10-2023	solteiro	NA
8	28-10-2023	solteiro	NA
9	29-10-2023	casado	NA
10	30-10-2023	solteiro	NA

Tabela 10.2: Formatação recomendada para tabela de dados.

Tabela 10.3: Formatação não recomendada para tabela de dados.

ID	Data de Coleta	Estado Civil	Número de Filhos
1	21-10-2023	casado	NA
2	22-10-2023	Casado	1
3	23-10-2023	casado	NaN
4	24-10-2023	Solteiro	N/A
5	25-10-2023	Casado	N.A.
6	26-10-2023	solteiro	0
7	27-10-2023	solteiro	
8	28-10-2023	Solteiro	na
9	29-10-2023	casado	n.a.
10	30-10-2023	Solteiro	999

10.1.3 O que usar para organizar tabelas para análise computadorizada?

- Seja consistente em: códigos para as variáveis categóricas; códigos para dados perdidos; nomes das variáveis; identificadores de participantes; nome dos arquivos; formato de datas; uso de caracteres de espaço. 93,94
- Crie um dicionário de dados (metadados) em um arquivo separado contendo: nome da variável, descrição da variável, unidades de medida e valores extremos possíveis. 93
- Use recursos para validação de dados antes e durante a digitação de dados. 93,94



O pacote *data.table*⁹⁵ fornece a função *melt.data.table*^a para reorganizar a tabela em diferentes formatos.

10.1.4 O que não usar para organizar tabelas para análise computadorizada?

- Não deixe células em branco: substitua dados perdidos por um código sistemático (ex.: NA [not available]). 93
- Não inclua análises estatísticas ou gráficos nas tabelas de dados brutos.⁹³
- Não utilize cores como informação. Se necessário, crie colunas adicionais variáveis instrumentais ou auxiliares para identificar a informação de modo que possa ser analisada.
- Não use células mescladas.
- Delete linhas e/ou colunas totalmente em branco (sem unidades de análise e/ou sem variáveis).

10.1.5 O que é recomendado e o que deve ser evitado na organização das tabelas para análise?

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/data.table/versions/1.14.8/topics/melt.data.table

Análise inicial de dados

11.1 Análise inicial de dados

11.1.1 O que é análise inicial de dados?

- Análise inicial de dados⁹⁶ é uma sequência de procedimentos que visam principalmente a transparência e integridade das pré-condições do estudo para conduzir a análise estatística apropriada de modo responsável para responder aos problemas da pesquisa.⁶⁰
- O objetivo da análise inicial de dados é propiciar dados prontos para análise estatística, incluindo informações confiáveis sobre as propriedades dos dados.⁶⁰
- A análise inicial de dados pode ser dividida nas seguintes etapas:⁶⁰
 - Configuração dos metadados
 - Limpeza dos dados
 - Verificação dos dados
 - Relatório inicial dos dados
 - Refinamento e atualização do plano de análise estatística
 - Documentação e relatório da análise inicial de dados
- A análise inicial de dados não deve ser confundida com análise exploratória⁹⁷, nem deve ser utilizada para hipotetizar após os dados serem coletados (conhecido como *Hypothesizing After Results are Known*, HARKing)⁹⁸.

11.1.2 Como conduzir uma análise inicial de dados?

- Desenvolva um plano de análise inicial de dados consistente com os objetivos da pesquisa. Por exemplo, verifique a distribuição e escala das variáveis, procure por observações não-usuais ou improváveis, avalie possíveis padrões de dados perdidos.⁶⁰
- Não altere diretamente os dados de uma tabela obtida de uma fonte. Use scripts para implementar eventuais alterações, de modo a manter o registro de todas as modificações realizadas no banco de dados.⁶⁰
- Use os metadados do estudo para guiar a análise inicial dos dados e compartilhe com os dados para maior transparência e reprodutibilidade.⁶⁰
- Representação gráfica dos dados pode ajudar a identificar características e padrões no banco de dados, tais como suposições e tendências.⁶⁰
- Verifique a frequência e proporção de dados perdidos em cada variável, e depois examine por padrões de dados perdidos simultaneamente por duas ou mais variáveis.⁶⁰
- Verifique a frequência e proporção de dados perdidos em cada variável, e depois examine por padrões de dados perdidos simultaneamente por duas ou mais variáveis.⁶⁰

• Exclusão de dados *ad hoc* baseada no desfecho pode influenciar os resultados do estudo, portanto os critérios de exclusão de dados antes da análise estatística (descritiva e/ou inferencial) devem ser reportados.⁹⁹

11.1.3 Quais problemas podem ser detectados na análise inicial de dados?

- Registros duplicados, que devem ser excluídos para não inflar a amostra. 100
- Codificação 0 ou 1 para variáveis dicotômicas para representar a direção esperada da associação entre elas. 100
- Ordenação cronológica de variáveis com registros temporais (retrospectivos ou prospectivos). 100
- A distribuição das variáveis para verificação das suposições das análises planejadas. 100
- Ocorrência de efeitos teto e piso nas variáveis. 100

Análise exploratória de dados

12.1 Análise exploratória de dados

12.1.1 O que é análise exploratória de dados?

- Análise exploratória de dados consiste em um processo iterativo de elaboração e interpretação da síntese de dados, tabelas e gráficos, considerando os aspectos teóricos do estudo.⁹⁷
- Análise exploratória deve ser separada da análise inferencial de testes de hipóteses; a decisão sobre os modelos a testar deve ser feita a priori.⁹⁰

12.1.2 Por que conduzir a análise exploratória de dados?

- A condução de análise exploratória de dados pode ajudar a identificar padrões e pode orientar trabalhos futuros, mas os resultados não devem ser interpretados como inferências sobre uma população. 90
- A análise exploratória não deve ser usada para definir as questões e hipóteses científicas do estudo.



O pacote explore¹⁰¹ fornece a função explore^a para análise exploratória de um banco de dados.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/explore/versions/1.0.2/topics/explore

12.1.3 Quais etapas constituem a análise exploratória de dados?

- Cada combinação de problema de pesquisa e delineamento de estudo pode demandar um plano de análise exploratório distinto.⁹⁰
- Verifique a existência e/ou influência de valores discrepantes ("fora da curva" ou *outliers*):90,96,97
 - Boxplots
 - Gráficos quantil-quantil (Q-Q)



O pacote graphics¹⁰² fornece a função boxplot^a para construção de gráficos boxplot.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/graphics/versions/3.6.2/topics/boxplot

- Verifique a homocedasticidade (homogeneidade da variância):⁹⁰
 - Boxplots condicionais (por fator de análise)
 - Análise dos resíduos do modelo de regressão
 - Gráfico resíduos vs. valores ajustados
- Verifique a normalidade da distribuição dos dados:90,96

- Histograma das variáveis (por fator de análise)
- Histograma dos resíduos da regressão
- Verifique a existência de grande quantidade de valores 0:90
 - Histograma das variáveis (por fator de análise)
- Verifique a existência de colinearidade entre variáveis independentes de um modelo de regressão:90
 - Fator de inflação de variância (variance inflation factor, VIF)
 - Coeficiente de correlação de Pearson (r)
 - Gráfico de dispersão entre variáveis
- Verifique possíveis relações entre as variáveis dependente(s) e independente(s) de um modelo de regressão:90
 - Gráfico de dispersão entre variáveis independente e dependente
- Verifique possíveis interações entre as variáveis dependente(s) de um modelo de regressão: 90
 - Gráfico *coplot* de dispersão entre variáveis dependentes



O pacote graphics¹⁰² fornece a função coplot^a para construção de gráficos boxplot condicionais.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/graphics/versions/3.6.2/topics/coplot

- Verifique por dependência entre variáveis de um modelo de regressão:90
 - Gráfico de série temporal das variáveis
 - Gráfico de autocorrelação entre as variáveis

Análise descritiva

13.1 Análise descritiva

13.1.1 O que é análise descritiva?

- A análise descritiva utiliza métodos para calcular, descrever e resumir os dados coletados da(s) amostra(s) de modo que sejam interpretadas adequadamente.
- As análises descritivas geralmente compreendem a apresentação quantitativa (numérica) em tabelas e/ou gráficos.⁴⁸



O pacote dataExplorer¹⁰³ fornece a função create report^a para executar análise exploratória.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/DataExplorer/versions/0.8.2/topics/create_report

13.1.2 Como apresentar os resultados descritivos?

- Variáveis categóricas: Reporte valores de frequência absoluta e relativa (n, %). 104
- Organização das tabelas: as variáveis são exibidas em linhas e os grupos são exibidos em colunas.
- Calcule percentagens para as colunas (isto é, entre grupos) e não entre linhas. 104
- Em caso de dados perdidos, não inclua uma linha com total de dados perdidos, pois distorce as proporções entre colunas e as análises de tabela de contingência. Neste caso, indique no texto ou em uma coluna separada o total de dados perdidos por variável.¹⁰⁴

13.2 Tabelas

13.2.1 Por que usar tabelas?

 Tabelas complementam o texto (e vice-versa), e podem apresentar os dados de modo mais acessível e informativo. ¹⁰⁵

13.3 Tabela 1

13.3.1 O que é a 'Tabela 1'?

• A 'Tabela 1' descreve as características demográficas, sociais e clínicas da amostra, completa ou agrupada por algum fator, geralmente por meio de parâmetros de tendência central e dispersão. 39,106

13.3.2 Qual a utilidade da 'Tabela 1'?

- Descrever (conhecer) as características da amostra e dos grupos sendo comparados, quando aplicável. 106
- Verificar aderência ao protocolo do estudo, incluindo critérios de inclusão/exclusão, tamanho da amostra e perdas amostrais.
- Permitir a replicação do estudo. 106
- Meta-analisar os dados junto a estudos similares. 106
- Avaliar a generalização (validade externa) das conclusões do estudo.

 \mathbf{X}

13.3.3 Como construir a Tabela 1?

- A Tabela 1 geralmente é utilizada para descrever as características da amostra estudada, possibilitando a análise de ameaças à validade interna e/ou externa ao estudo.^{107,108}
- Inclua na tabela: título ou legenda, uma síntese descritiva (geralmente por meio de parâmetros descritivos), intervalos de confiança e/ou p-valores conforme necessário para adequada interpretação. 105,109



O pacote $table 1^{110}$ fornece a função $table 1^a$ para construção da tabela.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/table1/versions/1.4.3/topics/table1

13.4 Tabela 2

13.4.1 O que é a 'Tabela 2'?

• .[REF]

13.4.2 Qual a utilidade da 'Tabela 2'?

A Tabela 2 mostra associações ajustadas multivariadas com o resultado para variáveis resumidas na Tabela
 1.39

13.4.3 Como construir a Tabela 2?

• A Tabela 2 pode ser utilizada para apresentar estimativas de múltiplos efeitos ajustados de um mesmo modelo estatístico.³⁹



O pacote *table l*¹¹⁰ fornece a função *table l*^a para construção da tabela.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/table1/versions/1.4.3/topics/table1

13.5 Gráficos

13.5.1 O que são gráficos?

 Gráficos são utilizados para apresentar dados (geralmente em grande quantidade) de modo mais intuitivo e fácil de compreender.

13.5.2 Qual a utilidade dos gráficos?

• .[REF]

13.5. GRÁFICOS 47

13.5.3 Que elementos incluir em gráficos?

Título, eixos horizontal e vertical com respectivas unidades, escalas em intervalos representativos das variáveis, legenda com símbolos, síntese descritiva dos valores e respectiva margem de erro, conforme necessário para adequada interpretação.



Os pacotes $ggplot2^{112}$, $plotly^{113}$ e $corrplot^{114}$ fornecem diversas funções para construção de gráficos tais como $ggplot^a$, $plot \ ly^b$ e $corrplot^c$ respectivamente.

13.5.4 Para que servem as barras de erro em gráficos?

- Barras de erro ajudam ao autor a apresentar as informações que descrevem os dados (por exemplo, em uma análise descritiva) ou sobre as inferências ou conclusões tomadas a partir de dados.¹¹⁵
- Barras de erro mais longas representam mais imprecisão (maiores erros), enquanto barras mais curtas representam mais precisão na estimativa.
- Barras de erro descritivas geralmente apresentam a amplitude (mínimo-máximo) ou desvio-padrão. 115
- Barras de erro inferenciais geralmente apresentam o erro-padrão ou intervalo de confiança (por exemplo, de 95%).¹¹⁵
- O comprimento das barras de erro sugere graficamente a imprecisão dos dados do estudo, uma vez que o valor verdadeiro da população pode estar em qualquer nível do intervalo da barra. 115

13.5.5 Quais são as boas práticas na elaboração de gráficos?

- O tamanho da amostra total e subgrupos, se houver, deve estar descrito na figura ou na sua legenda.
- Para análise inferencial de figuras, as barras de erro representadas por erro-padrão ou intervalo de confiança são preferíveis à amplitude ou desvio-padrão.
- Evite gráficos de barra e mostre a distribuição dos dados sempre que possível. 116
- Exiba os pontos de dados em boxplots. 116
- Use jitter simétrico em gráficos de pontos para permitir a visualização de todos os dados.
- Prefira palhetas de cor adaptadas para daltônicos.



O pacote $ggsci^{117}$ fornece palhetas de cores tais como pal_lancet^a , pal_nejm^b e pal_npg^c inspiradas em publicações científicas para uso em gráficos.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/ggplot2/versions/3.4.3/topics/ggplot

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/plotly/versions/4.10.2/topics/plot_ly

chttps://www.rdocumentation.org/packages/corrplot/versions/0.92/topics/corrplot

 $^{{\}it "https://www.rdocumentation.org/packages/ggsci/versions/3.0.0/topics/pal_lancet}$

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/ggsci/versions/3.0.0/topics/pal_nejm

chttps://www.rdocumentation.org/packages/ggsci/versions/3.0.0/topics/pal_npg



Análise inferencial

14.1 Raciocínio inferencial

14.1.1 Quais são os tipos de raciocínio inferencal?

- Inferência dedutiva: Uma dada hipótese inicial é utilizada para prever o que seria observado caso tal hipótese fosse verdadeira.¹¹⁸
- Inferência indutiva: Com base nos dado obsrevados, avalia-se qual hipótese é mais defensável (isto é, mais provável).¹¹⁸

14.2 Hipóteses científicas

14.2.1 O que é hipótese científica?

- Hipótese científica é uma ideia que pode ser testada. 119
- Definir claramente os problemas e os objetivos da pesquisa são o ponto de partida de todos os estudos científicos.⁸

14.2.2 Quais são as principais fontes de ideias para gerar hipóteses científicas?

- Revisão das práticas atuais.¹²⁰
- Desafio a ideias aceitas. 120
- Conflito entre ideias divergentes. 120
- Variações regionais, temporais e populacionais. 120
- Experiências dos próprios pesquisadores. 120
- Imaginação sem fronteiras ou limites convencionais. 120

14.2.3 Ausência de evidência ou evidência de ausência?

- Em estudos (geralmente com amostras grandes), resultados estatisticamente significativos (com P-valores menores do limiar pré-estabelecido, $P < \alpha$) podem não ser clinicamente relevantes. ¹²¹
- Em estudos (geralmente com amostras pequenas), resultados estatisticamente não significativos (com P-valores iguais ou maiores do limiar pré-estabelecido, $P \ge \alpha$) não devem ser interpretados como evidência de inexistência do efeito. 121
- Geralmente é razoável aceitar uma nova conclusão apenas quando há dados a seu favor ('resultados positivos'). Também é razoável questionar se apenas a ausência de dados a seu favor ('resultados negativos') justifica suficientemente a rejeição de tal conclusão.

14.3 Interpretação de análise inferencial

14.3.1 Como interpretar uma análise inferencial?

- Testes de hipótese nula (H_0) vs. alternativa (H_1) a partir de um nível de significância (α) pré-especificado. 122
- P-valor como evidência estatística sobre (H_0) . 122
- Estimação de intervalos de confiança de um nível de significância (α) pré-especificado bicaudal $(IC_{1-\alpha/2})$ ou unicaudal $(IC_{1-\alpha})$. 122
- Análise Bayesiana. 122

14.3.2 O que é significância estatística?

• A expressão "significância estatística" sugere apenas que um experimento merece ser repetido, uma vez que um baixo P-valor (calculado a partir dos dados, modelos e demais suposições do estudo) sugere ser improvável que os dados coletados sejam coletados no contexto de que a hipótese nula H_0 assumida é verdadeira. 123

14.4 Testes de hipóteses

14.4.1 O que é hipótese nula?

• A hipótese nula (H_0) é uma expressão que representa o estado atual do conhecimento (*status quo*), em geral a não existência de um determinado efeito. 86

14.4.2 O que é hipótese alternativa?

• A hipótese alternativa (H_1) é uma expressão que contém as situações que serão testadas, de modo que um resultado positivo indique alguma ação a ser conduzida. 86

14.4.3 Qual hipótese está sendo testada?

- A hipótese nula (H_0) é a hipótese sob teste em análises inferenciais. 65
- Pode-se concluir sobre rejeitar ou não rejeitar a hipótese nula (H_0) . 65
- Não se conclui sobre a hipótese alternativa (H_1) . 86
- Para testar a hipótese nula, deve-se selecionar o nível de significância crítica (p-valor de corte); a probabilidade de rejeitarmos uma hipótese nula verdadeira (α); e a probabilidade de não rejeitarmos uma hipótese nula falsa (β).

14.4.4 Quais são os tipos de teste de hipóteses?

- Teste (clássico) de significância da hipótese nula. 124
- Teste de mínimos efeitos. 124
- Teste de equivalência. 124
- Teste de inferioridade. 124
- Teste de não-inferioridade.[REF]
- Teste de superioridade.[REF]

14.4.5 O que são testes unicaudais e bicaudais?

• .[REF]

14.4.6 O que é uma família de hipóteses?

• .[REF]

14.4.7 Como ajustar a análise inferencial para hipóteses múltiplas?

• .[REF]



O pacote stats⁴⁶ fornece a função p.adjust^a para ajustar o P-valor utilizando diversos métodos.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/p.adjust

14.4.8 O que são resultados 'positivos' e 'negativos' em teste de hipótese?

- Resultados 'positivos' compreendem um P-valor dentro da zona crítica estatisticamente significativa (ex.: P < 0,05 ou outro ponto de corte) e sugerem que os autores rejeitem a hipótese nula H_0 , confirmando assim sua hipótese científica. 125
- Resultados 'negativos' compreendem um P-valor fora da zona crítica estatisticamente significativa (ex.: P ≥ 0.05 ou outro ponto de corte) e sugerem que os autores não rejeitem a hipótese nula H_0 porque o efeito observado é nulo, ou porque o estudo não possui poder suficiente para detectá-lo, não permitindo portanto afirmar a hipótese científica. 125

14.4.9 Qual a importância de resultados 'negativos'?

- Conhecer resultados negativos contribui com uma visão mais ampla do campo de estudo junto aos resultados positivos.¹²⁶
- Resultados negativos permitem um melhor planejamento das pesquisas futuras e pode aumentar suas chances de sucesso.¹²⁶

14.5 Testes paramétrico e não paramétrico

14.5.1 O que é um teste paramétrico?

- Testes paramétricos possuem suposições sobre as características e/ou parâmetros da distribuição dos dados na população.⁴⁸
- Testes paramétricos assumem que: a variável é quantitativa numérica (contínua); os dados foram amostrados de uma população com distribuição normal; a variância da(S) amostra(s) é igual à da população; as amostras foram selecionadas de modo aleatório na população; os valores de cada amostra são independentes entre si ^{48,65}

14.5.2 O que é um teste não paramétrico?

- Testes não-paramétricos fazem poucas suposições, ou menos rigorosas, sobre as características e/ou parâmetros da distribuição dos dados na população. 48,65
- Testes não-paramétricos são úteis quando as suposições de normalidade não podem ser sustentadas.

14.5.3 Por que os testes paramétricos são preferidos?

- Em geral, testes paramétricos são mais robustos (isto é, possuem menores erros tipo I e II) que seus testes não-paramétricos correspondentes. 48,107
- Testes não-paramétricos apresentam menor poder estatístico (maior erro tipo II) comparados aos testes paramétricos correspondentes.

Análise inferencial {#inferencial}

14.5.4 O que é análise inferencial?

Na análise inferencial são utilizados dados da(s) amostra(s) para fazer uma inferência válida (isto é, estimativa) sobre os parâmetros populacionais desconhecidos.⁴⁸

• No paradigma de Jerzy Neyman e Egon Pearson, um teste de hipótese científica envolve a tomada de decisão sobre hipóteses nulas (H_0) e alternativa (H_1) concorrentes e mutuamente exclusivas. 119

14.5.5 O que é uma análise ad hoc?

• .[REF]

14.5.6 O que é uma análise post hoc?

• .[REF]

14.5.7 O que reportar após um teste de hipótese?

- P-valores, como estimativa da significância estatística. 127
- Tamanho do efeito, como estimativa de significância substantiva (clínica). 127

14.6 P-valor

14.6.1 O que é o P-valor?

 P-valor é a probabilidade, assumindo-se um dado modelo estatístico, de que um efeito calculado a partir dos dados seria igual ou mais extremo do que o seu valor observado.¹²⁸

14.6.2 Como interpretar o P-valor?

- P-valores podem indicar quantitativamente a incompatibilidade entre os dados obtidos e o modelo estatístico especificado a priori (geralmente constituído pela hipótese nula H_0). 128
- P-valores menores/maiores do que o nível de significância estatístico pré-estabelecido não devem ser utilizados como única fonte de informação para tomada de decisão em ciência.
- P-valor sozinho não provê informação suficiente sobre a evidência sobre um modelo teórico. A sua interpretação correta requer uma descrição ampla sobre o delineamento, métodos e análises estatísticas aplicados no estudo.¹²⁸
- P-valor resulta da coleta e análise de dados, e assim quantifica a plausibilidade dos dados observados sob a hipótese nula H_0 . 129
- Evidência estatística de significância não provê informação sobre a magnitude do efeito observado e não necessariamente implica que o efeito é robusto. 99

14.6.3 O que o P-valor não é?

- P-valor não representa a probabilidade de que a hipótese nula H_0) seja verdadeira, nem a probabilidade de que os dados tenham sido produzidos pelo acaso. ¹²⁸
- P-valor não mede o tamanho do efeito ou a relevância da sua observação.

14.6.4 Quais são os complementos ou alternativas ao P-valor?

- Intervalos de confiança, credibilidade ou predição. 128
- Razão de verossimilhança. 128
- Métodos Bayesianos, fator Bayes.¹²⁸

14.7 Tamanho do efeito

14.7.1 O que é o tamanho do efeito?

Tamanho do efeito quantifica a magnitude de um efeito real da análise, expressando uma importância descritiva dos resultados.

14.7.2 Como interpretar um tamanho do efeito?

• Tamanhos de efeito podem ser comparadores entre diferentes estudos. 127

14.7.3 Quais são os tipos de tamanho do efeito?

- Diferenças padronizadas entre grupos: 127,130
 - Cohen's d
 - Glass's Δ
 - Razão de chances (RC ou OR)
 - Risco relativo ou razão de risco (RR)
- Medidas de associação: 127,130
 - Coeficiente de correlação de Pearson (r)
 - Coeficiente de determinação (R^2)

14.7.4 Como converter um tamanho de efeito em outro?

• 130

14.8 Poder do teste

14.8.1 O que é poder do teste?

- Poder do teste é a probabilidade de rejeitar corretamente a hipótese nula (H_0) quando esta é falsa. 119
- Poder do teste pode ser calculado como (1β) . 119

14.8.2 O que é análise de poder do teste?

- Poder é a probabilidade de que um dado tamanho de efeito será observado em um experimento futuro sob um conjunto de hipóteses - tamanho de efeito real e erro tipo I - para um dado tamanho de amostra.
- O objetivo geral da análise de poder ao projetar um estudo é escolher um tamanho de amostra que controle os 2 tipos de erros de inferência estatística: tipo I (α , resultado falso-positivo) e tipo II (β , resultado falso-negativo). ¹³¹
- Numericamente, o poder de um estudo é calculado como $1-\beta$ e reportado em valor percentual. 131

14.8.3 Quando realizar a análise de poder do teste?

- Na fase de projeto de pesquisa: a análise de poder para determinar o tamanho da amostra objetiva que o tamanho da amostra permita uma probabilidade razoável de detectar um efeito significativo pré-especificado. 131
- Após a coleta de dados: a análise de poder objetiva informar estudos futuros a respeito do tamanho da amostra necessário para a detectação de um efeito significativo pré-especificado.¹³¹

14.8.4 Porque a análise de poder do teste post hoc é inadequada?

• A análise do poder é teoricamente incorreta, uma vez que a probabilidade calculada $1-\beta$ expressa a probabilidade de um evento futuro, o que não é mais relevante quando o evento de interesse já ocorreu. ^{104,131}

14.8.5 O que pode ser realizado ao invés da análise de poder?

 Após a coleta e análise de dados, recomenda-se realizar a análise e interpretação dos resultados a partir do tamanho do efeito e do seu intervalo de confiança no nível de significância α pré-estabelecido.¹³¹

14.9 Erros de inferência

14.9.1 O que são erros de inferência estatística?

• Um erro de inferência é a tomada de decisão incorreta, seja a favor ou contra a hipótese nula. 119

14.9.2 O que é erro amostral?

• .[REF]

14.9.3 O que é erro tipo I?

• Erro tipo I significa a rejeição de uma hipótese nula (H_0) quando esta é verdadeira. ¹¹⁹

14.9.4 O que é erro tipo II?

- Erro tipo II significa a não rejeição de uma hipótese nula (H_0) quando esta é falsa. 119

14.9.5 Qual a relação entre os erros tipo I e II?

• .[REF]

PARTE 2 - Estatística Aplicada



Seleção de testes

15.1 Multiverso de análises estatísticas

15.1.1 Por que escolher o teste é um problema?

- Analisar a mesma hipótese com o mesmo banco de dados pode resultar em diferenças substanciais nas estimativas estatísticas e nas conclusões.
- As decisões para especificação das análises estatísticas podem ser tão minuciosas que muitas vezes nem sequer são registadas como decisões e, assim, podem impactar na reprodutibilidade do estudo.¹³²

15.2 Escolha de testes para análise inferencial

15.2.1 Como selecionar os testes para a análise estatística inferencial?

- .133
- .134
- 135
- .136
- .137
- .138
- . 139
- 140



Testes estatísticos

16.1 Teste de Qui-quadrado (χ^2)

```
# carrega os pacotes
library("dplyr")
library("gtsummary")
# tabela 2x2
tbl_cross <-
  # banco de dados
  trial %>%
  # cria a tabela de contingência
  gtsummary::tbl_cross(
   row = trt,
   col = response,
   statistic = \{n\},
   digits = 0,
   percent = "cell",
   margin = c("row", "column"),
   missing = "no",
   missing_text = "Dados perdidos",
   margin_text = "Total"
  ) %>%
  # calcula o p-valor do teste
  gtsummary::add_p(
   test = "chisq.test",
    pvalue_fun = function(x) style_pvalue(x, digits = 3)
  ) %>%
  gtsummary::modify_header(
   p.value = "**P-valor**"
  ) %>%
  # calcula o tamanho do efeito
  gtsummary::modify_table_styling(
   rows = NULL,
    footnote = as.character(rstatix::cramer_v(trt, response))
  # formata o título em negrito
  gtsummary::bold_labels() %>%
  # cria título da tabela
  gtsummary::modify_caption(
    "Teste Qui-quadrado (com correção de Yates)"
```

```
# exibe a tabela
tbl_cross %>%
  gtsummary::as_hux_table()
```

Tabela 16.1: Teste Qui-quadrado (com correção de Yates)

Tumor Response

	0	1	Total	P-valor
Chemotherapy Treatment				0.637
Drug A	67	28	95	
Drug B	65	33	98	
Total	132	61	193	

Pearson's Chi-squared test

```
# carrega os pacotes
library("dplyr")
library("gtsummary")
# tabela 2x2
tbl_cross <-
  # banco de dados
 trial %>%
  # cria a tabela de contingência
  gtsummary::tbl_cross(
   row = trt,
   col = response,
   statistic = \{n\},
   digits = 0,
   percent = "cell",
   margin = c("row", "column"),
   missing = "no",
   missing_text = "Dados perdidos",
   margin_text = "Total"
  ) %>%
  # calcula o p-valor do teste
  gtsummary::add_p(
    test = "chisq.test.no.correct",
    pvalue_fun = function(x) style_pvalue(x, digits = 3)
  ) %>%
  gtsummary::modify_header(
    p.value = "**P-valor**"
  ) %>%
  # calcula o tamanho do efeito
  gtsummary::modify_table_styling(
   rows = NULL,
    footnote = as.character(rstatix::cramer_v(trt, response))
  # formata o título em negrito
  gtsummary::bold_labels() %>%
  # cria título da tabela
  gtsummary::modify_caption(
    "Teste Qui-quadrado (sem correção de Yates)"
```

```
# exibe a tabela
tbl_cross %>%
gtsummary::as_hux_table()
```

Tabela 16.2: Teste Qui-quadrado (sem correção de Yates)

Tumor Response

	0	1	Total	P-valor
Chemotherapy Treatment				0.530
Drug A	67	28	95	
Drug B	65	33	98	
Total	132	61	193	

Pearson's Chi-squared test

16.2 Teste exato de Fisher

```
# carrega os pacotes
library("dplyr")
library("gtsummary")
# tabela 2x2
tbl_cross <-
  # banco de dados
  trial %>%
  # cria a tabela de contingência
  gtsummary::tbl_cross(
   row = trt,
   col = response,
   statistic = \{n\},
   digits = 0,
   percent = "cell",
   margin = c("row", "column"),
   missing = "no",
   missing_text = "Dados perdidos",
   margin_text = "Total"
  ) %>%
  # calcula o p-valor do teste
  gtsummary::add_p(
   test = "fisher.test",
    pvalue_fun = function(x) style_pvalue(x, digits = 3)
  ) %>%
  gtsummary::modify_header(
   p.value = "**P-valor**"
  ) %>%
  # calcula o tamanho do efeito
  gtsummary::modify_table_styling(
   rows = NULL,
    footnote = as.character(rstatix::cramer_v(trt, response))
 ) %>%
```

```
# formata o titulo em negrito
gtsummary::bold_labels() %>%
# cria titulo da tabela
gtsummary::modify_caption(
    "Teste exato de Fisher"
)

# exibe a tabela
tbl_cross %>%
gtsummary::as_hux_table()
```

Tabela 16.3: Teste exato de Fisher

Tumor Response

	0	1	Total	P-valor
Chemotherapy Treatment				0.540
Drug A	67	28	95	
Drug B	65	33	98	
Total	132	61	193	

Fisher's exact test

Comparação

17.1 Análise inferencial de comparação

17.1.1 O que é análise de comparação de dados?

• .[REF]



O pacote $cocor^{141}$ fornece as funções cocor.indep.groups^a, cocor.dep.groups.overlap^b e cocor.dep.groups.nonoverlap^c para comparar 2 coeficients de correlação entre grupos independentes, grupos sobrepostos ou independentes, respectivamente. 142

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test

 $^{{}^}b https://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test \\$

chttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test



Correlação

18.1 Análise de correlação

18.1.1 O que é análise de correlação?

• .[REF]

18.1.2 Qual é a interpretação das medidas de correlação?

- Os valores de correlação estão no intervalo [-1; 1]. 68,143,144
- Valores de correlação positivos representam uma relação direta entre as variáveis, tal que valores maiores de uma variável estão associados a valores maiores de outra variável.^{143,144}
- Valores de correlação negativos representam uma relação indireta (ou inversa) entre as variáveis, tal que valores maiores (menores) de uma variável estão associados a valores maiores (menores) de outra variável.^{143,144}
- Valores de correlação próximos de 0 representam a inexistência de relação entre as variáveis. 143,144

18.1.3 Quais precauções devem ser tomadas na interpretação de medidas de correlação?

- Tamanhos de efeito grande (ou qualquer outro) não representam necessariamente uma relação causa-efeito entre as variáveis. 143
- Tamanhos de efeito grande (ou qualquer outro) não representam necessariamente uma relação de concordância ou confiabilidade entre as variáveis.¹⁴³

18.1.4 Quais testes podem ser usados para análises de correlação?

- Coeficiente de correlação de Pearson (r). 143,144
 - O coeficiente de correlação de Pearson (r) avalia a força e direção da relação linear entre duas variáveis quantitativas. 143,144
 - Tipo: paramétrico. 143,144
 - Hipóteses: 144
 - * Nula (H_0) : r = 0
 - * Alternativa (H_1) : $r \neq 0$
 - Tamanho do efeito: 143,144
 - * Coeficiente de correlação de Pearson (r)



O pacote stats⁴⁶ fornece a função cor.test^a para calcular o coeficiente de correlação de Pearson (r).

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test

- Coeficiente de correlação ponto-bisserial (r_s) . 143
 - O coeficiente de correlação ponto-bisserial (r_s) avalia a força e direção da relação linear entre uma variável quantitativa e outra dicotômica. 143
 - Tipo: paramétrico. 143
 - Hipóteses: 143
 - * Nula (H_0): $r_s=0$
 - * Alternativa (H_1) : $r_s \neq 0$
 - Tamanho do efeito: 143
 - st Coeficiente de correlação ponto-bisserial (r_s)



O pacote $stats^{46}$ fornece a função $cor.test^a$ para calcular o coeficiente de correlação ponto-bisserial (r_s) .

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test

- Coeficiente de correlação de Spearman (ρ) . 143,144
 - O coeficiente de correlação de Spearman (ρ) avalia a força e direção da relação monotônica entre duas variáveis quantitativas. ^{143,144}
 - O coeficiente de correlação de Spearman (ρ) pode ser também definida como a correlação de Pearson (r) entre as classificações (ranks) das duas variáveis quantitativas. 143,144
 - Tipo: não-paramétrico. 143,144
 - Hipóteses: 143,144
 - * Nula (H_0) : $\rho = 0$
 - * Alternativa (H_1) : $\rho \neq 0$
 - Tamanho do efeito: 143,144
 - * Coeficiente de correlação de Spearman (ρ)



O pacote $stats^{46}$ fornece a função $cor.test^a$ para calcular o coeficiente de correlação de Spearman (ρ) .

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test

Associação

19.1 Análise de associação

19.1.1 O que é análise de associação?

• .[REF]

19.2 Associação bivariada

19.2.1 O que são análises de associação bivariada?

• .[REF]

19.2.2 Quais testes podem ser usados para análises de associação bivariada?

- Teste Qui-quadrado (χ^2) . 145,146
 - O teste qui-quadrado (χ^2) avalia uma hipótese global se a relação entre duas variáveis e/ou fatores é independente ou associada. ¹⁴⁶
 - O teste qui-quadrado é utilizado para comparar a distribuição de uma variável categórica em uma amostra ou grupo com a distribuição em outro. Se a distribuição da variável categórica não for muito diferente nos diferentes grupos, pode-se concluir que a distribuição da variável categórica não está relacionada com a variável dos grupos. Pode-se também concluir que a variável categórica e os grupos são independentes.¹⁴⁶
 - Tipo: não paramétrico. 145,146
 - Suposições: 145,146
 - * As variáveis são ordinais ou categóricas nominais, de modo que as células representem frequência.
 - * Os níveis dos fatores (variáveis categóricas) são mutuamente exclusivos.
 - * Tamanho de amostra grande e adequado porque é baseado em uma abordagem de aproximação.
 - * Menos de 20% das células com frequências esperadas < 5
 - * Nenhuma célula com frequência esperada < 1.
 - Hipóteses: 146
 - * Nula (H_0) : independente (sem associação)
 - * Alternativa (H_1) : não independente (associação)
 - Tamanho do efeito: 146
 - * Phi (ϕ) , para tabelas de contingência 2x2

- * Razão de chances (RC ou OR), para tabelas de contingência 2x2
- * Cramer V (V), para tabelas de contingência NxM



O pacote gtsummary¹⁴⁷ fornece a função tbl cross^a para criar uma tabela NxM.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/gtsummary/versions/1.6.3/topics/tbl_cross

- Teste Exato de Fisher (χ^2) . 145,146
 - O teste exato de Fisher avalia a hipótese nula de independência aplicando a distribuição hipergeométrica dos números nas células da tabela.¹⁴⁶
 - Hipóteses: 145,146
 - * Nula (H_0) : independente (sem associação)
 - * Alternativa (H_1) : não independente (associação)
 - Tamanho do efeito: 145,146
 - * Phi (ϕ) , para tabelas de contingência 2x2
 - * Razão de chances (RC ou OR), para tabelas de contingência 2x2
 - * Cramer V (V), para tabelas de contingência NxM



O pacote gtsummary¹⁴⁷ fornece a função tbl cross^a para criar uma tabela NxM.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/gtsummary/versions/1.6.3/topics/tbl_cross

- Kendall τ . 143,144
 - -O coeficiente Kendall τ avalia a força e direção da relação monotônica entre duas variáveis quantitativas ou qualitativas. 143,144
 - O coeficiente Kendall τ é definido como a porporção de todos os pares concordantes menos a proporção de todos os pares discordantes. ^{143,144}
 - Tipo: não-paramétrico. 143,144
 - Hipóteses: 143,144
 - * Nula (H_0) : $\tau = 0$
 - * Alternativa (H_1) : $\tau \neq 0$
 - Tamanho do efeito: 143,144
 - * Kendall τ



O pacote $stats^{46}$ fornece a função $cor.test^a$ para calcular o coeficiente Kendall τ .

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/stats/versions/3.6.2/topics/cor.test

Regressão

20.1 Análise de regressão

20.1.1 O que é análise de regressão?

- Regressão refere-se a uma equação matemática que permite que uma ou mais variável(is) de desfecho (dependentes) seja(m) prevista(s) a partir de uma ou mais variável(is) independente(s). A regressão implica em uma direção de efeito mas não garante causalidade. 125
- Para estimar os efeitos imparciais de um fator de exposição primária sobre uma variável de desfecho, frequentemente constroem-se modelos estatísticos de regressão. 148

20.1.2 Como preparar as variáveis categóricas para análise de regressão?

- Variáveis fictícias (dummy) compreendem variáveis criadas para introduzir, nos modelos de regressão, informações contidas em outras variáveis que não podem ser medidas em escala numérica.
- Variáveis categóricas nominais, com 2 ou mais níveis, devem ser subdivididas em variáveis fictícias dicotômicas para ser usada em modelos de regressão.¹⁵⁰
- Cada nível da variável categórica nominal será convertido em uma nova variável fictícias dicotômica, tal que a nova variável dicotômica assume valor 1 para a presença do nível correspondente e 0 em qualquer outro caso.¹⁵⁰



O pacote *fastDummies*¹⁵¹ fornece a função *dummy_cols*^a para preparar as variáveis categóricas fictícias para análise de regressão.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/fastDummies/versions/1.7.3/topics/dummy columns

20.2 Regressão simples, multivariável e multivariada

20.2.1 O que são as análises de regressão simples, multivariável e multivariada?

- A análise de regressão simples consiste em modelos estatísticos com 1 variável dependente (desfecho) e 1 variável independente (preditor). 152
- A análise multivariável (ou múltiplo) consiste em modelos estatísticos com 1 variável dependente (desfecho) e duas ou mais variáveis independentes.¹⁵²
- A análise multivariada consiste em modelos estatísticos com 2 ou mais variáveis dependente (desfechos) e duas ou mais variáveis independentes.¹⁵²



O pacote $modelsummary^{153}$ fornece as funções $modelsummary^a$ e $modelplot^b$ para gerar tabelas e gráficos de coeficientes de regressão.

20.2.2 Quais testes podem ser usados em análise de associação multivariável?

• .[REF]

20.3 Efeito principal

20.3.1 O que é efeito principal?

• 154

20.4 Efeito de modificação

20.4.1 O que é um modificador de efeito?

• 154

20.4.2 O que é efeito de modificação?

• .154

20.5 Efeito de interação

20.5.1 O que é efeito de interação?

- A interação representada pelo símbolo '*' é o termo estatístico empregado para representar a heterogeneidade de um determinado efeito.¹⁵⁵
- 154

20.6 Efeito de mediação

20.6.1 O que é um mediador de efeito?

- . 156
- .154

20.6.2 O que é efeito de mediação?

- . 156
- 154

20.6.3 O que é efeito direto?

- 156
- .154

 $[^]a \rm https://www.rdocumentation.org/packages/modelsummary/versions/1.4.1/topics/modelsummary \\^b \rm https://www.rdocumentation.org/packages/modelsummary/versions/1.4.1/topics/modelplot$

20.6.4 O que é efeito indireto?

- .156
- 154

20.6.5 O que é efeito total?

- 156
- 154

20.7 Seleção de variáveis do modelo

20.7.1 Correlação bivariada pode ser usada para seleção de variáveis em modelos de regressão multivariável?

- Seleção bivariada de variáveis isto é, aplicação de testes de correlação em pares de variáveis candidatas e variável de desfecho afim de selecionar quais serão incluídas no modelo multivariável - é um dos erros mais comuns na literatura. 129,157,158
- A seleção bivariada de variáveis torna o modelo mais suscetível a otimismo no ajuste se as variáveis de confundimento não são adequadamente controladas. ^{157,158}

20.7.2 Variáveis sem significância estatística devem ser excluídas do modelo final?

- Eliminar uma variável de um modelo significa anular o seu coeficiente de regressão ($\beta=0$), mesmo que o valor estimado pelos dados seja outro. Desta forma, os resultados se afasTAM de uma solução de máxima verossimilhança (que tem fundamento teórico) e o modelo resultante é intencionalmente subótimo. 129
- Os coeficientes de regressão geralmente dependem do conjunto de variáveis do modelo e, portanto, podem mudam de valor ("mudança na estimativa" positiva ou negativa) se uma (ou mais) variável(is) for(em) eliminada(s) do modelo.¹²⁹

20.7.3 Por que métodos de regressão gradual não são recomendados para seleção de variáveis em modelos de regressão multivariável?

- Métodos diferentes de regressão gradual podem produzir diferentes seleções de variáveis de um mesmo banco de dados.¹⁵⁰
- Nenhum método de regressão gradual garante a seleção ótima de variáveis de um banco de dados. 150
- As regras de término da regressão baseadas em p-valor tendem a ser arbitrárias.

20.7.4 O que pode ser feito para reduzir o número de variáveis candidatas em modelos de regressão multivariável?

- Verifique a existência de multicolinearidade entre as variáveis candidatas. 158
- Em caso de uma proporção baixa entre o número de participantes e de variáveis, use o conhecimento prévio da literatura para selecionar um pequeno conjunto de variáveis candidatas. 158
- Colapse categorias com contagem nula (células com valor igual a 0) de variáveis candidatas.
- Use simulações de dados para identificar qual(is) variável(is) está(ão) causando problemas de convergência do ajuste do modelo.¹⁵⁸
- A eliminação retroativa tem sido recomendada como a abordagem de regressão gradual mais confiável entre aquelas que podem ser facilmente alcançadas com programas de computador.¹²⁹



Redes

- 21.1 Análise de redes
- 21.1.1 O que é análise de rede?
 - .[REF]

74 CAPÍTULO 21. **REDES**



PARTE 3 - Metodologia Aplicada



Simulação computacional

22.1 Simulação computacional de dados

22.1.1 O que é simulação computacional de dados?

• .[REF]

22.2 Método de Monte Carlo

22.2.1 O que é o método de Monte Carlo?

• .[REF]



Estudos observacionais

23.1 Estudos observacionais

23.1.1 O que é a falácia da Tabela 2?

- A Tabela 2 pode induzir ao erro de interpretação pelas estimativas de efeitos para covariáveis do modelo também serem utilizados para controlar a confusão da exposição. 39,148
- Ao apresentar estimativas de efeito ajustadas para covariáveis juntamente com a estimativa de efeito ajustada para a exposição primária, a Tabela 2 sugere implicitamente que todas estas estimativas podem ser interpretadas de forma semelhante, se não de forma idêntica, como estimativa do efeito total.^{39,148}
- A falácia da Tabela 2 pode ser evitada limitando-se a tabela a estimativas das medidas primárias do efeito de exposição nos diferentes modelos, com as covariáveis secundárias de "ajuste" relatadas em uma nota de rodapé, juntamente com a forma como foram categorizadas ou modeladas.³⁹



Ensaio clínico aleatorizado

24.1 Características

24.1.1 Quais são as características dos ensaios clínicos aleatorizados?

- A característica essencial de um ensaio clínico aleatorizado é a comparação entre grupos.
- Quanto à unidade de alocação: 160
 - Individual
 - Agrupado
- Quanto ao número de braços: 160
 - Único*
 - Múltiplos
- Quanto ao número de centros: 160
 - Único
 - Múltiplos
- Quanto ao cegamento: 160
 - Aberto*
 - Simples-cego
 - Duplo-cego
 - Tripo-cego
 - Quádruplo-cego
- Quanto à alocação: 160
 - Sem sorteio
 - Estratificada (centro apenas)
 - Estratificada
 - Minimizada
 - Estratificada e minimizada

24.2 Modelos de análise de comparação

24.2.1 Que modelos podem ser utilizados para comparações?

- As abordagens compreendem a comparação da variável de desfecho medida entre os momentos antes e depois ou da sua mudança (pré - pós) entre os momentos.
- Se a média da variável é igual entre grupos no início do acompanhamento, ambas abordagens estimam o mesmo efeito. Caso contrário, o efeito será influenciado pela correlação entre as medidas antes e depois. A análise da mudança não controla para desbalanços no início do estudo.¹⁶¹
- Uma abordagem recomendada é a análise de covariância (ANCOVA), pois ajusta os valores pós-intervenção aos valores pré-intervenção para cada participante, e não é afetada pelas diferenças entre grupos no início do estudo.¹⁶¹
- A análise de covariância (ANCOVA) modelando seja a mudança (pré pós) quando o desfecho no póstratamento parece ser o método mais efetivo considerando-se o viés de estimação dos parâmetros, a precisão das estimativas, a cobertura nominal (isto é, intervalo de confiança) e o poder do teste.
- Análise de variância (ANOVA) e modelos lineares mistos (MLM) são outras opções de métodos, embora apresentem maior variância, menor poder, e cobertura nominal comparados à ANCOVA.

24.3 Ajuste de covariáveis

24.3.1 Quais variáveis devem ser utilizadas no ajuste de covariáveis?

 A escolha das características de linha de base pelas quais uma análise é ajustada deve ser determinada pelo conhecimento prévio de uma possível influência no resultado, em vez da evidência de desequilíbrio entre os grupos de tratamento no estudo.¹⁶³

24.3.2 Quais os benefícios do ajuste de covariáveis?

- Ajustar por covariáveis ajuda a estimar os efeitos do tratamento para o indivíduo, assim como aumenta a eficiência dos testes para hipótese nula e a validade externa do estudo.¹⁶⁴
- Incluir a variável de desfecho medida na linha de base como covariável independentemente de a análise ser realizada com a medida pós-tratamento da mesma variável ou a diferença para a linha de base - pode aumentar o poder estatístico do estudo.¹⁶⁵
- Incluir outras variáveis medidas na linha de base, com potencial para serem desbalanceadas entre grupos após a aleatorização, diminui a chance de afetar as estimativas de efeito dos tratamentos.

24.3.3 Quais os riscos do ajuste de covariáveis?

- Incluir covariáveis que não são prognósticas do desfecho pode reduzir o poder estatístico do estudo.
- Incluir covariáveis com dados perdidos pode reduzir o tamanho amostral e consequentemente o poder estatístico do estudo (análise de casos completos) ou levar a desvios do plano de análise por exclusão de covariáveis prognósticas.

24.3.4 Como lidar com os dados perdidos em covariáveis?

Imputação de dados perdidos de uma variável pela média dos dados observada permite estimativas não enviesadas dos efeitos do tratamento, preserva o erro tipo I e aumenta o poder estatístico comparado à análise de dados completos.¹⁶⁵

24.4 Comparação na linha de base

24.4.1 O que é a falácia da Tabela 1?

24.4.2 O que é comparação entre grupos na linha de base em ensaios clínicos aleatorizados?

- A comparação se refere ao teste de hipótese nula de não haver diferença ('balanço' ou 'equilíbrio') entre grupos de tratamento nas (co)variáveis na linha de base, geralmente apresentadas apenas de modo descritivo na 'Tabela 1'.¹⁶⁶
- A interpretação isolada do p-valor da comparação entre grupos na linha de base não permite identificar as razões para eventuais diferenças.¹⁶⁶

24.4.3 Para quê comparar grupos na linha de base em ensaios clínicos aleatorizados?

- Os p-valores estão relacionados à aleatorização dos participantes em grupos. 167
- Em ensaios clínicos aleatorizados, a comparação de (co)variáveis na linha de base é usada para avaliar se aleatorização foi 'bem sucedida'.¹⁶⁷

24.4.4 Quais são as razões para diferenças entre grupos de tratamento nas (co)variáveis na linha de base?

- Acaso. 106,166
- Viés. 106,166
- Tamanho da amostra. 106,166
- Má conduta científica.¹⁰⁶

24.4.5 Quais cenários permitem a comparação entre grupos na linha de base em ensaios clínicos aleatorizados?

- Em ensaios clínicos aleatorizados agregados, os p-valores possuem interpretação diferente de estudos aleatorizados individualmente.¹⁶⁷
- Em ensaios clínicos com agrupamento, nos quais o recrutamento ocorreu após a aleatorização, os p-valores
 já não estão inteiramente relacionados ao processo de aleatorização, mas sim ao método de recrutamento, o
 que pode resultar na comparação de amostras não aleatórias.¹⁶⁷

24.4.6 Por que não se deve comparar grupos na linha de base em ensaios clínicos aleatorizados?

- Quando a aleatorização é bem-sucedida, a hipótese nula de diferença entre grupos na linha de base é verdadeira.¹⁶³
- Testes de significância estatística na linha de base avaliam a probabilidade de que as diferenças observadas possam ter ocorrido por acaso; no entanto, já sabemos - pelo delineamento do experimento - que quaisquer diferenças são causadas pelo acaso.¹⁶⁸

24.4.7 Quais estratégias podem ser adotadas para substituir a comparação entre grupos na linha de base em ensaios clínicos aleatorizados?

- Na fase de projeto: identifique as variáveis prognósticas do desfecho de acordo com a literatura. 163
- Na fase de análise: inclua as variáveis prognósticas nos modelos para ajuste. 163

24.5 Comparação intragrupos

24.5.1 Por que não se deve comparar intragrupos (pré - pós) em ensaios clínicos aleatorizados?

• Testar por mudanças a partir da linha de base separadamente em cada grupos aleatorizados não permite concluir sobre diferenças entre grupos; não se pode fazer inferências a partir da comparação de p-valores. 159

24.6 Comparação entre grupos

24.6.1 O que é comparação entre grupos em ensaios clínicos aleatorizados?

A comparação se refere ao teste de hipótese nula de não haver diferença ('alteração' ou 'mudança') póstratamento entre grupos de tratamento.

24.7 Efeito de interação

24.7.1 Por que analisar o efeito de interação?

- Em ensaios clínicos aleatorizados, o principal problema de pesquisa é se há uma diferença pré pós maior em um grupo do que em outro(s). 159
- A comparação de subgrupos por meio de testes de significância de hipótese nula separados é enganosa por não testar (comparar) diretamente os tamanhos dos efeitos dos tratamentos.
- 154

24.7.2 Quando usar o termo de interação?

- Análise de efeito de interação pode ser usada para testar se o efeito de um tratamento varia entre dois ou mais subgrupos de indivíduos, ou seja, se um efeito é modificado pelo(s) outros(s) efeito(s). 155
- A interação entre duas (ou mais) variáveis pode ser utilizada para comparar efeitos do tratamento em subgrupos de ensaios clínicos.¹⁷⁰
- O poder estatístico para detectar efeitos de interação é limitado. 170

Desempenho diagnóstico

25.1 Tabelas **2x2**

25.1.1 O que é uma tabela de confusão 2x2?

• Tabela de confusão é uma matriz de 2 linhas por 2 colunas que permite analisar o desempenho de classificação de uma variável dicotômica (padrão-ouro ou referência) versus outra variável dicotômica (novo teste). ¹⁷¹

25.1.2 Como analisar o desempenho diagnóstico em tabelas 2x2?

- Verdadeiro-positivo (VP): caso com a condição presente e corretamente identificado como tal. 172
- Falso-negativo (FN): caso com a condição presente e erroneamente identificado como ausente. ¹⁷²
- Verdadeiro-negativo (VN): controle sem a condição presente e corretamente identificados como tal.¹⁷²
- Falso-positivo (FP): controle sem a condição presente e erroneamente identificado como presente. 172
- Tabelas de confusão também podem ser visualizadas em formato de árvores de frequência. 171



O pacote *riskyr*¹⁷³ fornece a função plot_prism^a para construir árvores de frequência a partir de diferentes cenários.

25.1.3 Quais probabilidades caracterizam o desempenho diagnóstico de um teste em tabelas 2x2?

- Sensibilidade (SEN): Proporção de verdadeiro-positivos dentre aqueles com a condição.¹⁷²
- Especificidade (ESP): Proporção de verdadeiro-negativos dentre aqueles sem a condição.¹⁷²
- Acurácia (ACU): Proporção de casos e controle corretamente identificados. 172
- Valor preditivo positivo (VPP): Proporção de casos corretamente identificados como verdadeiro-positivos. 172

Tabela 25.1: Tabela de confusão 2x2 para análise de desempenho diagnóstico de testes e variáveis dicotômicas.

	Condição presente	Condição ausente	Total
Teste positivo	VP	FP	VP + FP
Teste negativo	FN	VN	FN + VN
Total	VP + FN	FP + VN	VP + VN + FP + FN

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/riskyr/versions/0.4.0/topics/plot prism

Scenario

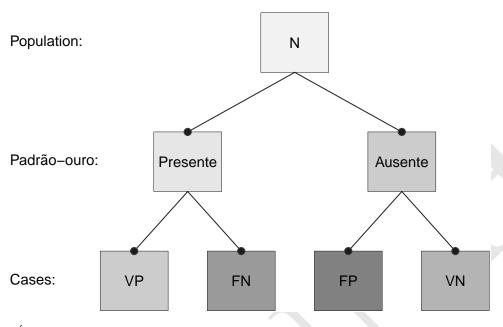


Figura 25.1: Árvore de frequência do desempenho diagnóstico de uma tabela de confusão 2x2 representando um método novo (dicotômico) comparado ao método padrão-ouro ou referência (dictômico).

Tabela 25.2: Probabilidades calculados a partir da tabela de confusão 2x2 para análise de desempenho diagnóstico de testes e variáveis dicotômicas.

	Condição presente	Condição ausente	Total	Probabilidades
Teste positivo	VP	FP	VP + FP	$VPP = \frac{VP}{VP + FP}$ $VPN = \frac{VN}{VN + FN}$
Teste negativo	FN	VN	FN + VN	$VPN = \frac{VN}{VN + FN}$
Total	VP + FN	FP + VN	VP + VN +	V 1. 1 1.
	. VD	T/M	FP + FN	
Probabilidades	$SEN = \frac{VP}{VP + FN}$	$ESP = \frac{VN}{VN + FP}$		ACU = UR + UN
				$rac{VP+VN}{VP+VN+FP+FN}$

- Valor preditivo negativo (VPN): Proporção de controles corretamente identificados como verdadeiro-negativos. 172
- Razão de verosimilhança (RV). 172



O pacote $riskyr^{173}$ fornece a função comp_prob^a para calcular 13 probabilidades relacionadas ao desempenho diagnóstico.

25.2 Curvas ROC

25.2.1 O que é a área sob a curva (AUROC)?

 A área sob a curva ROC (AUC ou AUROC) quantifica o poder de discriminação ou desempenho diagnóstico na classificação de uma variável dicotômica.¹⁷⁴

 $^{{\}it ^a} https://www.rdocumentation.org/packages/riskyr/versions/0.4.0/topics/comp_problem.$



O pacote proc¹⁷⁵ fornece a função plot.roc^a para criar uma curva ROC.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/pROC/versions/1.18.4/topics/plot.roc

25.2.2 Como interpretar a área sob a curva (ROC)?

- A área sob a curva AUC varia no intervalo [0.5; 1], com valores mais elevados indicando melhor discriminação ou desempenho do modelo de classificação.¹⁷⁴
- As interpretações qualitativas (isto é, pobre/fraca/baixa, moderada/razoável/aceitável, boa ou muito boa/alta/excelebt) dos valores de área sob a curva são arbitrários e não devem ser considerados isoladamente.¹⁷⁴
- Modelos de classificação com valores altos de área sob a curva podem ser enganosos se os valores preditos por esses modelos não estiverem adequadamente calibrados.¹⁷⁴

25.2.3 Como analisar o desempenho diagnóstico em desfechos com distribuição trimodal na população?

 Limiares duplos podem ser utilizados para análise de desempenho diagnóstico de testes com distribuição trimodal.¹⁷⁶

25.3 Interpretação da validade de um teste

25.3.1 Que itens devem ser verificados na interpretação de um etudo de validade?

- O novo teste foi comparado junto ao método padrão-ouro. 172
- As probabildidades pontuais estimadas que caracterizam o desempenho diagnóstico do novo teste são altas e adequadas para sua aplicação clínica.¹⁷²
- Os intervalos de confiança estimados para as probabilidades do novo teste são estreitos e adequadas para sua aplicação clínica.¹⁷²
- O novo teste possui adequada confiabilidade intra/inter examinadores. 172
- O estudo de validação incluiu um espectro adequado da amostra.
- Todos os participantes realizaram ambos o novo teste e o padrão-ouro no estudo de validação. 172
- Os examinadores do novo teste estavam cegados para o resultado do teste padrão-ouro. 172



Concordância e confiabilidade

26.1 Problemas de pesquisa

26.1.1 Quais problemas de pesquisa são investigados com estudos de concordância e confiabilidade?

- Quão reprodutíveis são as mensurações?¹⁷⁷
- Os diferentes métodos medem a mesma coisa em média? 177
- Existe viés entre as medidas de diferentes métodos (isto é, medem a mesma coisa em média)?¹⁷⁷
- Um método pode substituir o outro?¹⁷⁷

26.1.2 Quais fontes de variabilidade são comumente investigadas?

- Intra/Entre sujeitos. 177
- Intra/Entre repetições. 177
- Intra/Entre observadores. 177

26.2 Concordância

26.2.1 O que é concordância?

• .[REF]

26.2.2 Quais métodos são adequados para análise de concordância?

- Gráfico de dispersão com a reta de regressão. 177
- Gráfico de limites de concordância (média dos testes vs. diferença entre testes) com a reta de regressão do viés e respectivo intervalo de confiança.

26.2.3 Quais métodos não são adequados para análise de concordância?

- Comparação de médias: dois métodos apresentarem médias similares isto é, 'sem diferença estatística' após um teste inferencial de hipótese nula $H_0: \mu_1 = \mu_2$ não informa sobre a concordância deles. Métodos com maior erro de medida tendem a ter menos chance de rejeição da hipótese nula. 177
- Correlação bivariada: o coeficiente de correlação dependente tanto da variação entre indivíduos (isto é, entre
 os valores verdadeiros) quanto da variação intraindividual (isto é, erro de medida). Se a variância dos erros
 de medida de ambos os métodos não for pequena comparadas à variância dos valores verdadeiros, o tamanho
 do efeito da correlação será pequeno mesmo que os métodos possuam boa concordância.¹⁷⁷

• Regressão linear: o teste da hipótese nula da inclinação da reta de regressão ($H_0:\beta=0$) é equivalente a testar a correlação bivariada ($H_0:\rho=0$). 177

26.3 Confiabilidade

26.3.1 O que é confiabilidade?

• .[REF]

26.3.2 Quais métodos são adequados para análise de confiabilidade?

• .[REF]

Meta-análise

27.1 Meta-análise

27.1.1 O que é meta-análise?

• .[]

27.2 Interpretação de efeitos em meta-análise

27.2.1 Como avaliar a variação do tamanho do efeito?

- O intervalo de predição contém informação sobre a variação do tamanho do efeito. 178
- Se o intervalo de predição não contém a hipótese nula (H_0) , podemos concluir que (a) o tratamento funciona igualmente bem em todas as populações, ou que ele funciona melhor em algumas populações do que em outras. 178
- Se o intervalo de predição contém a hipótese nula (H_0) , podemos concluir que o tratamento pode ser benéfico em algumas populações, mas prejudicial em outras, de modo que a estimativa pontual (geralmente a média) torna-se amplamente irrelevante. Nesse caso, é recomendado investigar em que populações o tratamento seria benéfico e em quais causaria danos. 178

27.2.2 Como avaliar a heterogeneidade entre os estudos?

- A heterogeneidade variação não-aleatória no efeito do tratamento entre os estudos incluídos em uma meta-análise pode ser avaliada pelo I^2 . $I^{78,179}$
- I^2 representa qual proporção da variância observada reflete a variância nos efeitos verdadeiros em vez do erro de amostragem. 178
- I^2 não depende da quantidade de estudos incluídos na meta-análise. Entretanto, I^2 aumenta com a quantidade de participantes incluídos nos estudos meta-analisados. 179
- A heterogeneidade entre estudos é explicada de modo mais confiável utilizando dados de pacientes individuais, uma vez que a direção verdadeira da modificação de efeito não pode ser observada a partir de dados agregados no estudo.¹⁸⁰



O pacote metagear¹⁸¹ fornece funções para condução e análise de revisões sistemáticas.



O pacote *metagear*¹⁸¹ fornece a função *plot_PRISMA*^a para gerar o fluxograma de uma revisão sistemática de acordo com o *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*¹⁸².

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/metagear/versions/0.7/topics/plot_PRISMA



O pacote $PRISMA2020^{183,184}$ fornece a função $PRISMA_flowdiagram^a$ para elaboração do fluxograma de revisões sistemáticas no formato padrão.

ahttps://www.rdocumentation.org/packages/PRISMA2020/versions/1.1.1/topics/PRISMA_flowdiagram

PARTE 4 - Produção Científica



Computação estatística

28.1 Programa de computador

28.1.1 O que é R?

- R é um programa de computador com linguagem computacional direcionada para análise estatística. 185
- R está disponível em Comprehensive R Archive Network (CRAN)¹
- R R version 4.3.1 (2023-06-16).

28.1.2 O que é RStudio?

- RStudio é um ambiente de desenvolvimento integrado (*integrated development environment*, IDE) desenvolvido visando a reprodutibilidade e a simplicidade para a criação e disseminação de conhecimento. ¹⁸⁶
- As principais características do RStudio incluem um ambiente de edição com abas para acesso rápido a arquivos, comandos e resultados; histórico de comandos previamente utilizados; ferramentas para visualização de bancos de dados e elaboração de scripts e gráficos e tabelas.¹⁸⁶
- RStudio está disponível em Posit².

28.1.3 Por que usar R?

• R é o software de maior abrangência de métodos estatísticos, possui sintaxe que permite análises estatísticas reproduzíveis e está disponível gratuitamente no website CRAN (http://cran.r-project.org/). 42

28.1.4 Que programas de computador podem ser usados para análise estatística com R?

- JASP³. 187
- jamovi⁴. 188



Os pacotes jmv^{189} e $jmvconnect^{190}$ fornecem funções para análise descritiva e inferencial com interface com jamovi.

¹(https://cran.r-project.org)

²https://posit.co/download/rstudio-desktop/

³https://jasp-stats.org

⁴https://www.jamovi.org

28.2 Scripts computacionais

28.2.1 O que são scripts?

- "Scripts são dados". 191
- Scripts permitem ao usuário se concentrar nas tarefas mais importantes da computação e utilizar pacotes ou bibliotecas para exeutar as funções mais básicas com maior eficiência. 191
- Um script é um arquivo de texto contendo (quase) os mesmos comandos que você digitaria na linha de comando do R. (Quase) refere-se ao fato de que se você estiver usando *sink()* para enviar a saída para um arquivo, você terá que incluir alguns comandos em *print()* para obter a mesma saída da linha de comando (CRAN⁵).

28.2.2 Quais práticas são recomendadas na redação de scripts?

- Use nomes consistentes para as variáveis. 192
- Defina os tipos de variáveis adequadamente no banco de dados. 192
- Defina constantes isto é, variáveis de valor fixo ao invés de digitar valores. 192
- Use e cite os pacotes disponíveis para suas análises. 192
- Controle as versões do script. 192,193
- Teste o script antes de sua utilização. 192
- Conduza revisão por pares do código durante a redação (digitação em dupla).



O pacote *grateful*¹⁹⁴ fornece a função *cite_packages*^a para citar os pacotes utilizados em um projeto R.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/grateful/versions/0.2.0/topics/cite_packages



O pacote formatR¹⁹⁵ fornece a função tidy_source^a para formatar um R script.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/formatR/versions/1.14/topics/tidy_source



O pacote styler¹⁹⁶ fornece a função style file^a para formatar um R script.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/styler/versions/1.10.1/topics/style_file

⁵https://cran.r-project.org/doc/contrib/Lemon-kickstart/kr_scrpt.html

Download de R scripts

29.1 Concordância e Confiabilidade

• reliability-kappa-icc.R1

29.2 Descrição

- extracolumn-es.R²
- extracolumn-N.R³
- extracolumn-p.R⁴
- pilotdata gopal.R⁵

29.3 Desempenho diagnóstico

- diag-stats.R⁶
- dtROC.R⁷
- stROC.R8

29.4 Ensaio clínico aleatorizado

- RCT-Figure1.R9
- RCT-Missingness.R¹⁰
- RCT-Table1.R¹¹
- RCT-Table2a.R¹²
- RCT-Table2b.R¹³

 $^{^{1}} https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Concordancia\% 20e\% 20 Confiabilidade/reliability-kappa-icc. Results for the confiability of the confiab$

²https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Descrição/extracolumn-es.R

³https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Descrição/extracolumn-N.R

⁴https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Descrição/extracolumn-p.R

⁵https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Descrição/pilotdata_gopal.R

 $^{^6} https://github.com/Ferreira AS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Desempenho\% 20 diagn\'ostico/diag-stats. Resulting the common of th$

 $^{^{7}} https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Desempenho\%20 diagnostico/dtROC.R$

⁸https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Desempenho%20diagnostico/stROC.R

⁹https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20clinico%20aleatorizado/RCT-Figure1.R

¹⁰ https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20clinico%20aleatorizado/RCT-Missingness.R

 $^{^{11}} https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio\%20 clinico\%20 aleatorizado/RCT-Table 1.R$

¹²https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20clinico%20aleatorizado/RCT-Table2a.R ¹³https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20clinico%20aleatorizado/RCT-Table2b.R

• RCT-Table3.R¹⁴

29.5 Ensaio cruzado

- crossover.R¹⁵
- $\bullet \ RSTR\text{-}crossover\text{-}trial. R^{16}$

29.6 Regressão

- mediation-analysis.R17
- regression-diagnosis.R18



O pacote base⁵⁰ fornece a função source^a para abrir um arquivo .R com script e executar seus comandos.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/base/versions/3.6.2/topics/source

¹⁴https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20clinico%20aleatorizado/RCT-Table3.R

¹⁵ https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20cruzado/crossover.R

¹⁶ https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Ensaio%20cruzado/RSTR-crossover-trial.R

¹⁷https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Regressão/mediation-analysis.R

 $^{^{18}} https://github.com/FerreiraAS/Ciencia-com-R/blob/main/R/Regress\~ao/regression-diagnosis.R$

Manuscritos reprodutíveis

30.1 Manuscritos reprodutíveis

30.1.1 O que são manuscritos reprodutíveis?

- Manuscritos reprodutíveis manuscritos executáveis ou relatórios dinâmicos permitem a produção de um manuscrito completo a partir da integração do banco de dados da(s) amostra(s), do(s) script(s) de análise estatística (incluindo comentários para sua interpretação), dos pacotes ou bibliotecas utilizados, das fontes e referências bibliográficas citadas, além dos demais elementos textuais (tabelas, gráficos) - todos gerados dinamicamente.¹⁹¹
- O trabalho com RMarkdown¹⁹⁷ permite um fluxo de dados totalmente transparente, desde o conjunto de dados coletados até o manuscrito finalizado. Todos os aspectos do fluxo de dados podem ser incorporados em blocos de R script (*chunk*), exibindo tanto o R script quando o respectivo texto, tabelas e figuras formatadas no estilo científico de interesse.¹⁹⁸
- O RMarkdown¹⁹⁷ foi projetado especificamente para relatórios dinâmicos onde a análise é realizada em R e oferece uma flexibilidade incrível por meio de uma linguagem de marcação.⁴²

30.1.2 Por que usar manuscritos reprodutíveis?

- No processo tradicional de redação científica há muitas etapas de copiar e colar não reproduzíveis envolvidas.
 Documentos dinâmicos combinam uma ferramenta de processamento de texto com o R script que produz o texto/tabela/figura a ser incorporado no manuscrito.⁴²
- Ao trabalhar com relatórios dinâmicos, é possível extrair o mesmo script usado para análise estatística. Os documentos podem ser compilados em vários formatos de saída e salvos como DOCX, PPTX e PDF.⁴²



O pacote *officedown*¹⁹⁹ fornece as funções *rdocx_document*^a e *rpptx_document*^b para criar arquivos DOCX e PPTX, respectivamente, com o conteúdo criado no manuscrito reprodutível.

 ${\it a} https://www.rdocumentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rdocx_documentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/0.0/topics/0.0/topics/0.0/topics/0.0/topics/0.0/topics/0.0/topics/0.0/topics/0.0/top$

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/officedown/versions/0.3.0/topics/rpptx_document



O pacote *bookdown*²⁰⁰ fornece as funções *pdf_book*^a, *bs4_book*^b e *epub_book*^c para criar arquivos PDF, HTML e EPUB, respectivamente, com o conteúdo criado no manuscrito reprodutível.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/bookdown/versions/0.35/topics/pdf_book

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/bookdown/versions/0.35/topics/bs4_book

^chttps://www.rdocumentation.org/packages/bookdown/versions/0.35/topics/epub_book

30.1.3 Como manuscritos reprodutíveis contribuem para a ciência?

 O compartilhamento de bancos de dados e seus scripts de análise estatística permitem a adoção de práticas reprodutíveis, tais como a reanálise dos dados.²⁰¹



O pacote *projects*²⁰² fornece a função *setup_projects*^a para criar um projeto com arquivos organizados em diretórios.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/projects/versions/2.1.3/topics/setup projects

30.2 Compartilhamento

30.2.1 O que pode ser compartilhado?

- Idealmente, todos os scripts, pacotes/bibliotecas e dados necessários para outros reproduzirem seus dados. 193
- Minimamente, partes importantes incluindo implementações de novos algoritmos e dados que permitam reproduzir um resultado importante.¹⁹³

30.2.2 Como preparar R scripts para compartilhamento?

- Documente em um arquivo README os arquivos disponíveis e os pré-requisitos necessários para executar
 o código (ex.: pacotes e respectivas versões). Uma lista de configurações (hardware e software) que foram
 usadas para rodar o código pode ajudar na reprodução dos resultados.⁴¹
- Crie links persistentes para versões do seu script. 193
- Defina uma semente para o gerador de números aleatórios em scripts com métodos computacionais que dependem da geração de números pseudoaleatórios.⁴¹
- Escolha uma licença apropriada para garantir como outros usarão seus scripts.
- Compartilhe todos os pacotes relacionados à sua análise.²⁰³
- Providencie a documentação sobre seu script (ex.: arquivo README). 193



O pacote *utils*²⁰⁴ fornece a função *set.seed*^a para definir uma semente para o gerador de números aleatórios.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/formatR/versions/1.14/topics/tidy_source

30.2.3 O que incluir no arquivo README?

- Título do manuscrito. 41
- Autores do manuscrito.⁴¹
- Principais responsáveis pela escrita do script e quaisquer outras pessoas que fizeram contribuições substanciais para o desenvolvimento do script.⁴¹
- Endereço de e-mail do autor ou contribuidor a quem devem ser direcionadas dúvidas, comentários, sugestões e bugs sobre o script.⁴¹
- Lista de configurações nas quais o script foi testado, tais com nome e versão do programa, pacotes e plataforma.⁴¹



O pacote *utils*²⁰⁴ fornece a função *sessionInfo*^a para descrever as características do programa, pacotes e plataforma da sessão atual.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/utils/versions/3.6.2/topics/sessionInfo

30.3 Exportando elementos

30.3.1 Como exportar tabelas em formato DOCX?



O pacote $table 1^{205}$ fornece as funções $as_flextable^a$ e $save_as_docx^b$ para salvar tabelas em formato DOCX.

 ${\it "https://www.rdocumentation.org/packages/flextable/versions/0.9.2/topics/as_flextable}$

30.3.2 Como exportar figuras em formato TIFF?



O pacote $tiff^{206}$ fornece a função $writeTIFF^a$ para exportar gráficos em formato TIFF.

^ahttps://www.rdocumentation.org/packages/tiff/versions/0.1-11/topics/writeTIFF

^bhttps://www.rdocumentation.org/packages/flextable/versions/0.9.2/topics/save_as_docx



Redação estatística

31.1 Plano de análise estatística

31.1.1 O que é plano de análise estatística?

• .[REF]

31.2 Resultados da análise estatística

31.2.1 Como redigir os resultados da análise estatística?

• .[REF]



BIBLIOGRAFIA



Fontes externas

Diretrizes

- Review of guidance papers on regression modeling in statistical series of medical journals. 207
- Principles and recommendations for incorporating estimands into clinical study protocol templates. ²⁰⁸
- How to write statistical analysis section in medical research. 134
- Recommendations for Statistical Reporting in Cardiovascular Medicine: A Special Report From the American Heart Association. 209
- Framework for the treatment and reporting of missing data in observational studies: The Treatment And Reporting of Missing data in Observational Studies framework. ²¹⁰
- Guidelines for reporting of figures and tables for clinical research in urology. ²¹¹
- Who is in this study, anyway? Guidelines for a useful Table 1. 108
- Guidelines for Reporting of Statistics for Clinical Research in Urology. 212
- Reveal, Don't Conceal: Transforming Data Visualization to Improve Transparency. 116
- Guidelines for the Content of Statistical Analysis Plans in Clinical Trials. 213
- Basic statistical reporting for articles published in Biomedical Journals: The ''Statistical Analyses and Methods in the Published Literature" or the SAMPL Guidelines. 214
- Beyond Bar and Line Graphs: Time for a New Data Presentation Paradigm. 215
- STRengthening analytical thinking for observational studies: the STRATOS initiative. 216
- Research methods and reporting.²¹⁷
- How to ensure your paper is rejected by the statistical reviewer. ²¹⁸

Listas de verificação

- A CHecklist for statistical Assessment of Medical Papers (the CHAMP statement): explanation and elaboration.²¹⁹
- Checklist for clinical applicability of subgroup analysis. 220
- Evidence-based statistical analysis and methods in biomedical research (SAMBR) checklists according to design features. 133

American Heart Association

• Statistical Reporting Recommendations - AHA/ASA journals¹

¹https://www.ahajournals.org/statistical-recommendations

American Physiological Society

- Statistics²
- Exploration in Statistics³
- General Statistics⁴
- Reporting Statistics⁵

American Statistical Association

• Statistical Inference in the 21st Century: A World Beyond p < 0.05 - The American Statistical Association⁶

British Medicine Journal

- Statistics Latest from The BMJ⁷
- Statistics notes Latest from The BMJ⁸
- Statistics and research methods Latest from The BMJ⁹
- Statistics at Square One¹⁰
- Research methods & reporting 11

Enhancing the Quality And Transparency Of health Research Network

• Enhancing the Quality and Transparency of health research EQUATOR Network 12.221

Journal of the Amercan Medical Association

• JAMA Guide to Statistics and Methods - JAMA¹³

Nature Publishing Group

• Statistics for Biologists - Nature Publising Group 14

Royal Statistical Society

• Best Practices for Data Visualisation - Royal Statistical Society¹⁵

Wiley Online Library

• Tutorials in Biostatistics Papers - Wiley Online Library 16

²https://journals.physiology.org/topic/advances-collections/statistics?seriesKey=&tagCode=&

³https://journals.physiology.org/topic/advances-collections/explorations-in-statistics?seriesKey=&tagCode=&

⁴https://journals.physiology.org/topic/advances-collections/general-statistics?seriesKey=&tagCode=&

⁵https://journals.physiology.org/topic/advances-collections/reporting-statistics?seriesKey=&tagCode=&

⁶https://www.tandfonline.com/toc/utas20/73/sup1?nav=tocList

⁷https://www.bmj.com/specialties/statistics

⁸https://www.bmj.com/specialties/statistics-notes

⁹https://www.bmj.com/specialties/statistics-and-research-methods

 $^{^{10}} https://www.bmj.com/about-bmj/resources-readers/publications/statistics-square-one$

¹¹ https://www.bmj.com/research/research-methods-and-reporting

¹² https://www.equator-network.org

¹³https://jamanetwork.com/collections/44042/jama-guide-to-statistics-and-methods

¹⁴https://www.nature.com/collections/qghhqm

¹⁵ https://royal-statistical-society.github.io/datavisguide/

¹⁶https://onlinelibrary.wiley.com/page/journal/10970258/homepage/tutorials.htm

Referências

- 1. Grami A. Discrete probability. In: Elsevier; 2023:285-305. doi:10.1016/b978-0-12-820656-0.00016-2
- 2. Tversky A, Kahneman D. Belief in the law of small numbers. *Psychological Bulletin*. 1971;76(2):105-110. doi:10.1037/h0031322
- 3. Bishop DVM, Thompson J, Parker AJ. Can we shift belief in the 'Law of Small Numbers'? *Royal Society Open Science*. 2022;9(3). doi:10.1098/rsos.211028
- 4. Guy RK. The strong law of small numbers. *The American Mathematical Monthly*. 1988;95(8):697. doi:10.2307/2322249
- 5. Guy RK. The Second Strong Law of Small Numbers. *Mathematics Magazine*. 1990;63(1):3-20. doi:10.1080/0025570x.1990.11977475
- 6. Banerjee A, Chaudhury S. Statistics without tears: Populations and samples. *Industrial Psychiatry Journal*. 2010;19(1):60. doi:10.4103/0972-6748.77642
- 7. Bland JM, Altman DG. Statistics Notes: Bootstrap resampling methods. *BMJ*. 2015;350(jun02 13):h2622-h2622. doi:10.1136/bmj.h2622
- 8. Smeden M van. A very short list of common pitfalls in research design, data analysis, and reporting. *PRi-MER*. 2022;6. doi:10.22454/PRiMER.2022.511416
- 9. Champely S. Pwr: Basic functions for power analysis. 2020. https://CRAN.R-project.org/package=pwr.
- 10. Bacchetti P. Ethics and Sample Size. *American Journal of Epidemiology*. 2005;161(2):105-110. doi:10.1093/aje/kwi014
- 11. Abelson RP. A variance explanation paradox: When a little is a lot. *Psychological Bulletin*. 1985;97(1):129-133. doi:10.1037/0033-2909.97.1.129
- 12. Berkson J. Limitations of the application of fourfold table analysis to hospital data. *Biometrics Bulletin*. 1946;2(3):47. doi:10.2307/3002000
- 13. Ellsberg D. Risk, ambiguity, and the savage axioms. *The Quarterly Journal of Economics*. 1961;75(4):643. doi:10.2307/1884324
- 14. Freedman DA, Freedman DA. A Note on Screening Regression Equations. *The American Statistician*. 1983;37(2):152-155. doi:10.1080/00031305.1983.10482729
- 15. Freedman LS, Pee D. Return to a note on screening regression equations. *The American Statistician*. 1989;43(4):279. doi:10.2307/2685389
- 16. Hand DJ. On Comparing Two Treatments. *The American Statistician*. 1992;46(3):190-192. doi:10.1080/00031305.1992.10475881
- 17. LINDLEY DV. A STATISTICAL PARADOX. *Biometrika*. 1957;44(1-2):187-192. doi:10.1093/biomet/44.1-2.187
- 18. Lord FM. A paradox in the interpretation of group comparisons. *Psychological Bulletin*. 1967;68(5):304-305. doi:10.1037/h0025105
- 19. Lord FM. Statistical adjustments when comparing preexisting groups. *Psychological Bulletin*. 1969;72(5):336-337. doi:10.1037/h0028108
- 20. Simpson EH. The Interpretation of Interaction in Contingency Tables. *Journal of the Royal Statistical Society: Series B (Methodological)*. 1951;13(2):238-241. doi:10.1111/j.2517-6161.1951.tb00088.x
- 21. Blyth CR. On Simpson's Paradox and the Sure-Thing Principle. *Journal of the American Statistical Association*. 1972;67(338):364-366. doi:10.1080/01621459.1972.10482387

- 22. Stein C. INADMISSIBILITY OF THE USUAL ESTIMATOR FOR THE MEAN OF a MULTIVARIATE NORMAL DISTRIBUTION. In: University of California Press; 1956:197-206. doi:10.1525/9780520313880-018
- 23. De S, Sen A. The generalised Gamow-Stern problem. *The Mathematical Gazette*. 1996;80(488):345-348. doi:10.2307/3619568
- 24. Feld SL. Why Your Friends Have More Friends Than You Do. *American Journal of Sociology*. 1991;96(6):1464-1477. doi:10.1086/229693
- 25. Munafò MR, Nosek BA, Bishop DVM, et al. A manifesto for reproducible science. *Nature Human Behaviour*. 2017;1(1). doi:10.1038/s41562-016-0021
- 26. Grant MJ, Booth A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Information & Libraries Journal*. 2009;26(2):91-108. doi:10.1111/j.1471-1842.2009.00848.x
- 27. Sut N. Study designs in medicine. *Balkan Medical Journal*. 2015;31(4):273-277. doi:10.5152/balkanmedj.2014.1408
- 28. Souza AC de, Alexandre NMC, Guirardello E de B, Souza AC de, Alexandre NMC, Guirardello E de B. Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2017;26(3):649-659. doi:10.5123/s1679-49742017000300022
- 29. Reeves BC, Wells GA, Waddington H. Quasi-experimental study designs series—paper 5: a checklist for classifying studies evaluating the effects on health interventions—a taxonomy without labels. *Journal of Clinical Epidemiology*. 2017;89:30-42. doi:10.1016/j.jclinepi.2017.02.016
- 30. Echevarría-Guanilo ME, Gonçalves N, Romanoski PJ. PSYCHOMETRIC PROPERTIES OF MEASURE-MENT INSTRUMENTS: CONCEPTUAL BASIS AND EVALUATION METHODS PART II. *Texto & Contexto Enfermagem.* 2019;28. doi:10.1590/1980-265x-tce-2017-0311
- 31. Chassé M, Fergusson DA. Diagnostic Accuracy Studies. *Seminars in Nuclear Medicine*. 2019;49(2):87-93. doi:10.1053/j.semnuclmed.2018.11.005
- 32. Chidambaram AG, Josephson M. Clinical research study designs: The essentials. *PEDIATRIC INVESTI-GATION*. 2019;3(4):245-252. doi:10.1002/ped4.12166
- 33. Erdemir A, Mulugeta L, Ku JP, et al. Credible practice of modeling and simulation in healthcare: ten rules from a multidisciplinary perspective. *Journal of Translational Medicine*. 2020;18(1). doi:10.1186/s12967-020-02540-4
- 34. Yang B, Olsen M, Vali Y, et al. Study designs for comparative diagnostic test accuracy: A methodological review and classification scheme. *Journal of Clinical Epidemiology*. 2021;138:128-138. doi:10.1016/j.jclinepi.2021.04.013
- 35. Chipman H, Bingham D. Let's practice what we preach: Planning and interpreting simulation studies with design and analysis of experiments. *Canadian Journal of Statistics*. 2022;50(4):1228-1249. doi:10.1002/cis.11719
- 36. Donthu N, Kumar S, Mukherjee D, Pandey N, Lim WM. How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*. 2021;133:285-296. doi:10.1016/j.jbusres.2021.04.070
- 37. Lim WM, Kumar S. Guidelines for interpreting the results of bibliometric analysis: A sensemaking approach. *Global Business and Organizational Excellence*. August 2023. doi:10.1002/joe.22229
- 38. Findley MG, Kikuta K, Denly M. External Validity. *Annual Review of Political Science*. 2021;24(1):365-393. doi:10.1146/annurev-polisci-041719-102556
- 39. Westreich D, Greenland S. The Table 2 Fallacy: Presenting and Interpreting Confounder and Modifier Coefficients. *American Journal of Epidemiology*. 2013;177(4):292-298. doi:10.1093/aje/kws412
- 40. Resnik DB, Shamoo AE. Reproducibility and Research Integrity. *Accountability in Research*. 2016;24(2):116-123. doi:10.1080/08989621.2016.1257387
- 41. Hofner B, Schmid M, Edler L. Reproducible research in statistics: A review and guidelines for the *Biometrical Journal*. *Biometrical Journal*. 2015;58(2):416-427. doi:10.1002/bimj.201500156
- 42. Mair P. Thou shalt be reproducible! A technology perspective. *Frontiers in Psychology*. 2016;7. doi:10.3389/fpsyg.2016.01079
- 43. Altman DG, Bland JM. Statistics Notes: Units of analysis. *BMJ*. 1997;314(7098):1874-1874. doi:10.1136/bmj.314.7098.1874
- 44. Matthews JN, Altman DG, Campbell MJ, Royston P. Analysis of serial measurements in medical research. *BMJ*. 1990;300(6719):230-235. doi:10.1136/bmj.300.6719.230

- 45. Bland JM, Altman DG. Statistics notes: Matching. *BMJ*. 1994;309(6962):1128-1128. doi:10.1136/bmj.309.6962.1128
- 46. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2023. https://www.R-project.org/.
- 47. Olson K. What Are Data? *Qualitative Health Research*. 2021;31(9):1567-1569. doi:10.1177/10497323211015960
- 48. Vetter TR. Fundamentals of Research Data and Variables. *Anesthesia & Analgesia*. 2017;125(4):1375-1380. doi:10.1213/ane.00000000002370
- 49. Altman DG, Bland JM. Missing data. *BMJ*. 2007;334(7590):424-424. doi:10.1136/bmj.38977.682025.2c
- 50. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2023. https://www.R-project.org/.
- 51. Heymans MW, Twisk JWR. Handling missing data in clinical research. *Journal of Clinical Epidemiology*. September 2022. doi:10.1016/j.jclinepi.2022.08.016
- 52. Carpenter JR, Smuk M. Missing data: A statistical framework for practice. *Biometrical Journal*. 2021;63(5):915-947. doi:10.1002/bimj.202000196
- 53. Yanagida T. Misty: Miscellaneous functions 't. yanagida'. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=misty.
- 54. Little RJA. A Test of Missing Completely at Random for Multivariate Data with Missing Values. *Journal of the American Statistical Association*. 1988;83(404):1198-1202. doi:10.1080/01621459.1988.10478722
- 55. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2022. https://www.R-project.org/.
- 56. Cao Y, Allore H, Vander Wyk B, Gutman R. Review and evaluation of imputation methods for multivariate longitudinal data with mixed-type incomplete variables. *Statistics in Medicine*. October 2022. doi:10.1002/sim.9592
- 57. Buuren S van, Groothuis-Oudshoorn K. {Mice}: Multivariate imputation by chained equations in r. 2011;45:1-67. doi:10.18637/jss.v045.i03
- 58. Robitzsch A, Grund S. Miceadds: Some additional multiple imputation functions, especially for 'mice'. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=miceadds.
- 59. Akl EA, Shawwa K, Kahale LA, et al. Reporting missing participant data in randomised trials: systematic survey of the methodological literature and a proposed guide. *BMJ Open.* 2015;5(12):e008431. doi:10.1136/bmjopen-2015-008431
- 60. Baillie M, Cessie S le, Schmidt CO, Lusa L, Huebner M. Ten simple rules for initial data analysis. *PLOS Computational Biology*. 2022;18(2):e1009819. doi:10.1371/journal.pcbi.1009819
- 61. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2023. https://www.R-project.org/.
- 62. Pebesma E, Mailund T, Hiebert J. Measurement units in {r}. 2016;8. doi:10.32614/RJ-2016-061
- 63. Harrell Jr FE. Hmisc: Harrell miscellaneous. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=Hmisc.
- 64. Altman DG, Bland JM. Statistics notes Variables and parameters. *BMJ*. 1999;318(7199):1667-1667. doi:10.1136/bmj.318.7199.1667
- 65. Ali Z, Bhaskar Sb. Basic statistical tools in research and data analysis. *Indian Journal of Anaesthesia*. 2016;60(9):662. doi:10.4103/0019-5049.190623
- 66. Dettori JR, Norvell DC. The Anatomy of Data. *Global Spine Journal*. 2018;8(3):311-313. doi:10.1177/2192568217746998
- 67. Kaliyadan F, Kulkarni V. Types of variables, descriptive statistics, and sample size. *Indian Dermatology Online Journal*. 2019;10(1):82. doi:10.4103/idoj.idoj_468_18
- 68. Barkan H. Statistics in clinical research: Important considerations. *Annals of Cardiac Anaesthesia*. 2015;18(1):74. doi:10.4103/0971-9784.148325
- 69. Bland JM, Altman DG. Statistics Notes: Transforming data. *BMJ*. 1996;312(7033):770-770. doi:10.1136/bmj.312.7033.770
- 70. Fedorov V, Mannino F, Zhang R. Consequences of dichotomization. *Pharmaceutical Statistics*. 2009;8(1):50-61. doi:10.1002/pst.331

- 71. Osborne J. Improving your data transformations: Applying the box-cox transformation. *University of Massachusetts Amherst*. 2010. doi:10.7275/QBPC-GK17
- 72. Box GEP, Cox DR. An Analysis of Transformations. *Journal of the Royal Statistical Society: Series B (Methodological)*. 1964;26(2):211-243. doi:10.1111/j.2517-6161.1964.tb00553.x
- 73. Venables WN, Ripley BD. Modern applied statistics with s. 2002. https://www.stats.ox.ac.uk/pub/MASS4/.
- 74. MacCallum RC, Zhang S, Preacher KJ, Rucker DD. On the practice of dichotomization of quantitative variables. *Psychological Methods*. 2002;7(1):19-40. doi:10.1037/1082-989x.7.1.19
- 75. Altman DG, Royston P. The cost of dichotomising continuous variables. *BMJ*. 2006;332(7549):1080.1. doi:10.1136/bmj.332.7549.1080
- 76. Royston P, Altman DG, Sauerbrei W. Dichotomizing continuous predictors in multiple regression: a bad idea. *Statistics in Medicine*. 2005;25(1):127-141. doi:10.1002/sim.2331
- 77. Collins GS, Ogundimu EO, Cook JA, Manach YL, Altman DG. Quantifying the impact of different approaches for handling continuous predictors on the performance of a prognostic model. *Statistics in Medicine*. 2016;35(23):4124-4135. doi:10.1002/sim.6986
- 78. Nelson SLP, Ramakrishnan V, Nietert PJ, Kamen DL, Ramos PS, Wolf BJ. An evaluation of common methods for dichotomization of continuous variables to discriminate disease status. *Communications in Statistics Theory and Methods*. 2017;46(21):10823-10834. doi:10.1080/03610926.2016.1248783
- 79. Bennette C, Vickers A. Against quantiles: categorization of continuous variables in epidemiologic research, and its discontents. *BMC Medical Research Methodology*. 2012;12(1). doi:10.1186/1471-2288-12-21
- 80. Youden WJ. Index for rating diagnostic tests. *Cancer*. 1950;3(1):32-35. doi:10.1002/1097-0142(1950)3:1<32::aid-cncr2820030106>3.0.co;2-3
- 81. Strobl C, Boulesteix AL, Augustin T. Unbiased split selection for classification trees based on the Gini Index. *Computational Statistics & Data Analysis*. 2007;52(1):483-501. doi:10.1016/j.csda.2006.12.030
- 82. Pearson K. X. On the criterion that a given system of deviations from the probable in the case of a correlated system of variables is such that it can be reasonably supposed to have arisen from random sampling. The London, Edinburgh, and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science. 1900;50(302):157-175. doi:10.1080/14786440009463897
- 83. Greiner M, Pfeiffer D, Smith RD. Principles and practical application of the receiver-operating characteristic analysis for diagnostic tests. *Preventive Veterinary Medicine*. 2000;45(1-2):23-41. doi:10.1016/s0167-5877(00)00115-x
- 84. Fleiss JL. Measuring nominal scale agreement among many raters. *Psychological Bulletin*. 1971;76(5):378-382. doi:10.1037/h0031619
- 85. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2023. https://www.R-project.org/.
- 86. Kanji G. 100 statistical tests. 2006. doi:10.4135/9781849208499
- 87. Curran-Everett D. Explorations in statistics: standard deviations and standard errors. *Advances in Physiology Education*. 2008;32(3):203-208. doi:10.1152/advan.90123.2008
- 88. Altman DG, Bland JM. Statistics Notes: Quartiles, quintiles, centiles, and other quantiles. *BMJ*. 1994;309(6960):996-996. doi:10.1136/bmj.309.6960.996
- 89. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2022. https://www.R-project.org/.
- 90. Zuur AF, Ieno EN, Elphick CS. A protocol for data exploration to avoid common statistical problems. *Methods in Ecology and Evolution*. 2009;1(1):3-14. doi:10.1111/j.2041-210x.2009.00001.x
- 91. Tierney N, Cook D. Expanding Tidy Data Principles to Facilitate Missing Data Exploration, Visualization and Assessment of Imputations. *Journal of Statistical Software*. 2023;105(7). doi:10.18637/jss.v105.i07
- 92. Hammill D. DataEditR: An interactive editor for viewing, entering, filtering & editing data. 2022. https://CRAN.R-project.org/package=DataEditR.
- 93. Broman KW, Woo KH. Data Organization in Spreadsheets. *The American Statistician*. 2018;72(1):2-10. doi:10.1080/00031305.2017.1375989
- 94. Juluru K, Eng J. Use of Spreadsheets for Research Data Collection and Preparation: *Academic Radiology*. 2015;22(12):1592-1599. doi:10.1016/j.acra.2015.08.024

- 95. Dowle M, Srinivasan A. Data.table: Extension of 'data.frame'. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=data.table.
- 96. Chatfield C. Exploratory data analysis. *European Journal of Operational Research*. 1986;23(1):5-13. doi:10.1016/0377-2217(86)90209-2
- 97. Ferketich S, Verran J. Technical Notes. *Western Journal of Nursing Research*. 1986;8(4):464-466. doi:10.1177/019394598600800409
- 98. Kerr NL. HARKing: Hypothesizing After the Results are Known. *Personality and Social Psychology Review*. 1998;2(3):196-217. doi:10.1207/s15327957pspr0203 4
- 99. Landis SC, Amara SG, Asadullah K, et al. A call for transparent reporting to optimize the predictive value of preclinical research. *Nature*. 2012;490(7419):187-191. doi:10.1038/nature11556
- 100. Huebner M, Vach W, Cessie S le. A systematic approach to initial data analysis is good research practice. *The Journal of Thoracic and Cardiovascular Surgery*. 2016;151(1):25-27. doi:10.1016/j.jtcvs.2015.09.085
- 101. Krasser R. Explore: Simplifies exploratory data analysis. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=explore.
- 102. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2023. https://www.R-project.org/.
- 103. Cui B. DataExplorer: Automate data exploration and treatment. 2020. https://CRAN.R-project.org/package=DataExplorer.
- 104. Cummings P, Rivara FP. Reporting Statistical Information in Medical Journal Articles. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*. 2003;157(4):321. doi:10.1001/archpedi.157.4.321
- 105. Inskip H, Ntani G, Westbury L, et al. Getting started with tables. *Archives of Public Health*. 2017;75(1). doi:10.1186/s13690-017-0180-1
- 106. Chen H, Lu Y, Slye N. Testing for baseline differences in clinical trials. *International Journal of Clinical Trials*. 2020;7(2):150. doi:10.18203/2349-3259.ijct20201720
- 107. Greenhalgh T. How to read a paper: Statistics for the non-statistician. I: Different types of data need different statistical tests. *BMJ*. 1997;315(7104):364-366. doi:10.1136/bmj.315.7104.364
- Hayes-Larson E, Kezios KL, Mooney SJ, Lovasi G. Who is in this study, anyway? Guidelines for a useful Table 1. *Journal of Clinical Epidemiology*. 2019;114:125-132. doi:10.1016/j.jclinepi.2019.06.011
- 109. Kwak SG, Kang H, Kim JH, et al. The principles of presenting statistical results: Table. *Korean Journal of Anesthesiology*. 2021;74(2):115-119. doi:10.4097/kja.20582
- 110. Rich B. table1: Tables of descriptive statistics in HTML. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=table1.
- 111. Park JH, Lee DK, Kang H, et al. The principles of presenting statistical results using figures. *Korean Journal of Anesthesiology*. 2022;75(2):139-150. doi:10.4097/kja.21508
- 112. Wickham H. ggplot2: Elegant graphics for data analysis. 2016. https://ggplot2.tidyverse.org.
- 113. Sievert C. Interactive web-based data visualization with r, plotly, and shiny. 2020. https://plotly-r.com.
- 114. Wei T, Simko V. R package 'corrplot': Visualization of a correlation matrix. 2021. https://github.com/taiyun/corrplot.
- 115. Cumming G, Fidler F, Vaux DL. Error bars in experimental biology. *The Journal of Cell Biology*. 2007;177(1):7-11. doi:10.1083/jcb.200611141
- 116. Weissgerber TL, Winham SJ, Heinzen EP, et al. Reveal, Don't Conceal. *Circulation*. 2019;140(18):1506-1518. doi:10.1161/circulationaha.118.037777
- 117. Xiao N. Ggsci: Scientific journal and sci-fi themed color palettes for 'ggplot2'. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=ggsci.
- 118. Goodman SN. Toward Evidence-Based Medical Statistics. 1: The P Value Fallacy. *Annals of Internal Medicine*. 1999;130(12):995. doi:10.7326/0003-4819-130-12-199906150-00008
- 119. Curran-Everett D. Explorations in statistics: hypothesis tests and *P* values. *Advances in Physiology Education*. 2009;33(2):81-86. doi:10.1152/advan.90218.2008
- 120. Vandenbroucke JP, Pearce N. From ideas to studies: how to get ideas and sharpen them into research questions. *Clinical Epidemiology*. 2018; Volume 10:253-264. doi:10.2147/clep.s142940

- 121. Altman DG, Bland JM. Statistics notes: Absence of evidence is not evidence of absence. *BMJ*. 1995;311(7003):485-485. doi:10.1136/bmj.311.7003.485
- 122. Goodman SN. Aligning statistical and scientific reasoning. *Science*. 2016;352(6290):1180-1181. doi:10.1126/science.aaf5406
- 123. Aylmer Fisher R. The arrangement of field experiments. *Ministry of Agriculture and Fisheries*. 1926. doi:10.23637/ROTHAMSTED.8V61Q
- 124. Lakens D, Scheel AM, Isager PM. Equivalence Testing for Psychological Research: A Tutorial. *Advances in Methods and Practices in Psychological Science*. 2018;1(2):259-269. doi:10.1177/2515245918770963
- 125. Greenhalgh T. How to read a paper: Statistics for the non-statistician. II: Significant relations and their pitfalls. *BMJ*. 1997;315(7105):422-425. doi:10.1136/bmj.315.7105.422
- 126. Weintraub PG. The Importance of Publishing Negative Results. *Journal of Insect Science*. 2016;16(1):109. doi:10.1093/jisesa/iew092
- 127. Sullivan GM, Feinn R. Using Effect Size—or Why the *P* Value Is Not Enough. *Journal of Graduate Medical Education*. 2012;4(3):279-282. doi:10.4300/jgme-d-12-00156.1
- 128. Wasserstein RL, Lazar NA. The ASA Statement on *p*-Values: Context, Process, and Purpose. *The American Statistician*. 2016;70(2):129-133. doi:10.1080/00031305.2016.1154108
- 129. Heinze G, Dunkler D. Five myths about variable selection. *Transplant International*. 2016;30(1):6-10. doi:10.1111/tri.12895
- 130. Kim HY. Statistical notes for clinical researchers: effect size. *Restorative Dentistry & Endodontics*. 2015;40(4):328. doi:10.5395/rde.2015.40.4.328
- 131. Heckman MG, Davis JM, Crowson CS. Post Hoc Power Calculations: An Inappropriate Method for Interpreting the Findings of a Research Study. *The Journal of Rheumatology*. 2022;49(8):867-870. doi:10.3899/jrheum.211115
- 132. Breznau N, Rinke EM, Wuttke A, et al. Observing many researchers using the same data and hypothesis reveals a hidden universe of uncertainty. *Proceedings of the National Academy of Sciences*. 2022;(44):e2203150119. doi:10.1073/pnas.2203150119
- 133. Dwivedi AK, Shukla R. Evidence-based statistical analysis and methods in biomedical research (SAMBR) checklists according to design features. *CANCER REPORTS*. 2019;3(4). doi:10.1002/cnr2.1211
- 134. Dwivedi AK. How to Write Statistical Analysis Section in Medical Research. *Journal of Investigative Medicine*. 2022;70(8):1759-1770. doi:10.1136/jim-2022-002479
- 135. Kim N, Fischer AH, Dyring-Andersen B, Rosner B, Okoye GA. Research Techniques Made Simple: Choosing Appropriate Statistical Methods for Clinical Research. *Journal of Investigative Dermatology*. 2017;137(10):e173-e178. doi:10.1016/j.jid.2017.08.007
- 136. Marusteri M, Bacarea V. Comparing groups for statistical differences: How to choose the right statistical test? *Biochemia Medica*. 2010:15-32. doi:10.11613/bm.2010.004
- 137. Mishra P, Pandey C, Singh U, Keshri A, Sabaretnam M. Selection of appropriate statistical methods for data analysis. *Annals of Cardiac Anaesthesia*. 2019;22(3):297. doi:10.4103/aca.aca 248 18
- 138. Ray A, Najmi A, Sadasivam B. How to choose and interpret a statistical test? An update for budding researchers. *Journal of Family Medicine and Primary Care*. 2021;10(8):2763. doi:10.4103/jfmpc.jfmpc_433_21
- 139. Nayak B, Hazra A. How to choose the right statistical test? *Indian Journal of Ophthalmology*. 2011;59(2):85. doi:10.4103/0301-4738.77005
- 140. Shankar S, Singh R. Demystifying statistics: How to choose a statistical test? *Indian Journal of Rheumato-logy*. 2014;9(2):77-81. doi:10.1016/j.injr.2014.04.002
- 141. Diedenhofen B, Musch J. Cocor: A comprehensive solution for the statistical comparison of correlations. 2015;10:e0121945. doi:10.1371/journal.pone.0121945
- 142. Diedenhofen B, Musch J. Cocor: A comprehensive solution for the statistical comparison of correlations. 2015;10:e0121945. doi:10.1371/journal.pone.0121945
- 143. Khamis H. Measures of Association: How to Choose? *Journal of Diagnostic Medical Sonography*. 2008;24(3):155-162. doi:10.1177/8756479308317006
- 144. Allison JS, Santana L, (Jaco) Visagie IJH. A primer on simple measures of association taught at undergraduate level. *Teaching Statistics*. 2022;44(3):96-103. doi:10.1111/test.12307
- 145. McHugh ML. The chi-square test of independence. *Biochemia Medica*. 2013:143-149. doi:10.11613/bm.2013.018

- 146. Kim HY. Statistical notes for clinical researchers: Chi-squared test and Fisher's exact test. *Restorative Dentistry & Endodontics*. 2017;42(2):152. doi:10.5395/rde.2017.42.2.152
- 147. Sjoberg DD, Whiting K, Curry M, Lavery JA, Larmarange J. Reproducible summary tables with the gtsummary package. 2021;13:570-580. doi:10.32614/RJ-2021-053
- 148. Bandoli G, Palmsten K, Chambers CD, Jelliffe-Pawlowski LL, Baer RJ, Thompson CA. Revisiting the Table 2 fallacy: A motivating example examining preeclampsia and preterm birth. *Paediatric and Perinatal Epidemiology*. 2018;32(4):390-397. doi:10.1111/ppe.12474
- 149. Suits DB. Use of Dummy Variables in Regression Equations. *Journal of the American Statistical Association*. 1957;52(280):548-551. doi:10.1080/01621459.1957.10501412
- 150. Healy MJ. Statistics from the inside. 16. Multiple regression (2). *Archives of Disease in Childhood*. 1995;73(3):270-274. doi:10.1136/adc.73.3.270
- 151. Kaplan J. fastDummies: Fast creation of dummy (binary) columns and rows from categorical variables. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=fastDummies.
- 152. Hidalgo B, Goodman M. Multivariate or Multivariable Regression? *American Journal of Public Health*. 2013;103(1):39-40. doi:10.2105/ajph.2012.300897
- 153. Arel-Bundock V. {Modelsummary}: Data and model summaries in {r}. 2022;103. doi:10.18637/jss.v103.i01
- 154. Bours MJL. Using mediators to understand effect modification and interaction. *Journal of Clinical Epidemiology*. September 2023. doi:10.1016/j.jclinepi.2023.09.005
- 155. Altman DG, Matthews JNS. Statistics Notes: Interaction 1: heterogeneity of effects. *BMJ* 1996;313(7055):486-486. doi:10.1136/bmj.313.7055.486
- 156. Baron RM, Kenny DA. The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology*. 1986;51(6):1173-1182. doi:10.1037/0022-3514.51.6.1173
- 157. DALES LG, URY HK. An Improper Use of Statistical Significance Testing in Studying Covariables. *International Journal of Epidemiology*. 1978;7(4):373-376. doi:10.1093/ije/7.4.373
- 158. Sun GW, Shook TL, Kay GL. Inappropriate use of bivariable analysis to screen risk factors for use in multivariable analysis. *Journal of Clinical Epidemiology*. 1996;49(8):907-916. doi:10.1016/0895-4356(96)00025-x
- 159. Bland JM, Altman DG. Comparisons within randomised groups can be very misleading. *BMJ* 2011;342(may06 2):d561-d561. doi:10.1136/bmj.d561
- 160. Bruce CL, Juszczak E, Ogollah R, Partlett C, Montgomery A. A systematic review of randomisation method use in RCTs and association of trial design characteristics with method selection. *BMC Medical Research Methodology*. 2022;22(1). doi:10.1186/s12874-022-01786-4
- 161. Vickers AJ, Altman DG. Statistics Notes: Analysing controlled trials with baseline and follow up measurements. *BMJ*. 2001;323(7321):1123-1124. doi:10.1136/bmj.323.7321.1123
- 162. O Connell NS, Dai L, Jiang Y, et al. Methods for analysis of pre-post data in clinical research: A comparison of five common methods. *Journal of Biometrics & Biostatistics*. 2017;08(01). doi:10.4172/2155-6180.1000334
- 163. Roberts C, Torgerson DJ. Understanding controlled trials: Baseline imbalance in randomised controlled trials. *BMJ*. 1999;319(7203):185-185. doi:10.1136/bmj.319.7203.185
- 164. Hauck WW, Anderson S, Marcus SM. Should We Adjust for Covariates in Nonlinear Regression Analyses of Randomized Trials? *Controlled Clinical Trials*. 1998;19(3):249-256. doi:10.1016/s0197-2456(97)00147-5
- 165. Kahan BC, Jairath V, Doré CJ, Morris TP. The risks and rewards of covariate adjustment in randomized trials: an assessment of 12 outcomes from 8 studies. *Trials*. 2014;15(1). doi:10.1186/1745-6215-15-139
- 166. Stang A, Baethge C. Imbalance p values for baseline covariates in randomized controlled trials: a last resort for the use of p values? A pro and contra debate. *Clinical Epidemiology*. 2018; Volume 10:531-535. doi:10.2147/clep.s161508
- 167. Bolzern JE, Mitchell A, Torgerson DJ. Baseline testing in cluster randomised controlled trials: should this be done? *BMC Medical Research Methodology*. 2019;19(1). doi:10.1186/s12874-019-0750-8
- 168. Gruijters SLK. Baseline comparisons and covariate fishing: Bad statistical habits we should have broken yesterday. July 2020. http://dx.doi.org/10.31234/osf.io/qftwg.

- 169. Matthews JNS, Altman DG. Statistics Notes: Interaction 2: compare effect sizes not P values. *BMJ*. 1996;313(7060):808-808. doi:10.1136/bmj.313.7060.808
- 170. Altman DG. Statistics notes: Interaction revisited: The difference between two estimates. *BMJ*. 2003;326(7382):219-219. doi:10.1136/bmj.326.7382.219
- 171. Steckelberg A, Balgenorth A, Berger J, Mühlhauser I. Explaining computation of predictive values: 2 × 2 table versus frequency tree. A randomized controlled trial [ISRCTN74278823]. *BMC Medical Education*. 2004;4(1). doi:10.1186/1472-6920-4-13
- 172. Greenhalgh T. How to read a paper: Papers that report diagnostic or screening tests. *BMJ*. 1997;315(7107):540-543. doi:10.1136/bmj.315.7107.540
- 173. Neth H, Gaisbauer F, Gradwohl N, Gaissmaier W. Riskyr: Rendering risk literacy more transparent. 2022. https://CRAN.R-project.org/package=riskyr.
- 174. Hond AAH de, Steyerberg EW, Calster B van. Interpreting area under the receiver operating characteristic curve. *The Lancet Digital Health*. 2022;4(12):e853-e855. doi:10.1016/s2589-7500(22)00188-1
- 175. Robin X, Turck N, Hainard A, et al. pROC: An open-source package for r and s+ to analyze and compare ROC curves. 2011;12:77.
- 176. Ferreira ADS, Meziat-Filho N, Ferreira APA. Double threshold receiver operating characteristic plot for three-modal continuous predictors. *Computational Statistics*. 2021;36(3):2231-2245. doi:10.1007/s00180-021-01080-9
- 177. Altman DG, Bland JM. Measurement in medicine: The analysis of method comparison studies. *The Statistician*. 1983;32(3):307. doi:10.2307/2987937
- 178. Borenstein M. In a meta-analysis, the I-squared statistic does not tell us how much the effect size varies. *Journal of Clinical Epidemiology*. October 2022. doi:10.1016/j.jclinepi.2022.10.003
- 179. Rücker G, Schwarzer G, Carpenter JR, Schumacher M. Undue reliance on I 2 in assessing heterogeneity may mislead. *BMC Medical Research Methodology*. 2008;8(1). doi:10.1186/1471-2288-8-79
- 180. Grooth HJ de, Parienti JJ. Heterogeneity between studies can be explained more reliably with individual patient data. *Intensive Care Medicine*. July 2023. doi:10.1007/s00134-023-07163-z
- 181. Lajeunesse MJ. Facilitating systematic reviews, data extraction, and meta-analysis with the metagear package for r. 2016;7:323-330.
- 182. Moher D, Shamseer L, Clarke M, et al. Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic Reviews*. 2015;4(1). doi:10.1186/2046-4053-4-1
- 183. Haddaway NR, Page MJ, Pritchard CC, McGuinness LA. PRISMA2020: An r package and shiny app for producing PRISMA 2020-compliant flow diagrams, with interactivity for optimised digital transparency and open synthesis. 2022;18:e1230. doi:10.1002/c12.1230
- 184. Haddaway NR, Page MJ, Pritchard CC, McGuinness LA. PRISMA2020: An r package and shiny app for producing PRISMA 2020-compliant flow diagrams, with interactivity for optimised digital transparency and open synthesis. 2022;18:e1230. doi:10.1002/c12.1230
- 185. Ihaka R, Gentleman R. R: A language for data analysis and graphics. *Journal of Computational and Graphical Statistics*. 1996;5(3):299. doi:10.2307/1390807
- 186. Racine JS. RStudio: A Platform-Independent IDE for R and Sweave. *Journal of Applied Econometrics*. 2011;27(1):167-172. doi:10.1002/jae.1278
- 187. Love J, Selker R, Marsman M, et al. **JASP**: Graphical Statistical Software for Common Statistical Designs. *Journal of Statistical Software*. 2019;88(2). doi:10.18637/jss.v088.i02
- 188. ŞAHİN M, AYBEK E. Jamovi: An easy to use statistical software for the social scientists. *International Journal of Assessment Tools in Education*. 2020;6(4):670-692. doi:10.21449/ijate.661803
- 189. Selker R, Love J, Dropmann D. Jmv: The 'jamovi' analyses. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=jmv.
- 190. Love J. Jmvconnect: Connect to the 'jamovi' statistical spreadsheet. 2022. https://CRAN.R-project.org/package=jmvconnect.
- 191. Hinsen K. A data and code model for reproducible research and executable papers. *Procedia Computer Science*. 2011;4:579-588. doi:10.1016/j.procs.2011.04.061
- 192. Schwab, Simon, Held, Leonhard. Statistical programming: Small mistakes, big impacts. *Wiley-Blackwell Publishing, Inc.* 2021. doi:10.5167/UZH-205154

- 193. Eglen SJ, Marwick B, Halchenko YO, et al. Toward standard practices for sharing computer code and programs in neuroscience. *Nature Neuroscience*. 2017;20(6):770-773. doi:10.1038/nn.4550
- 194. Francisco Rodríguez-Sánchez, Connor P. Jackson, Shaurita D. Hutchins. Grateful: Facilitate citation of r packages. 2023. https://github.com/Pakillo/grateful.
- 195. Xie Y. formatR: Format r code automatically. 2022. https://CRAN.R-project.org/package=formatR.
- 196. Müller K, Walthert L. Styler: Non-invasive pretty printing of r code. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=styler.
- 197. Allaire J, Xie Y, Dervieux C, et al. *Rmarkdown: Dynamic Documents for r.*; 2023. https://CRAN.R-project.org/package=rmarkdown.
- 198. Holmes DT, Mobini M, McCudden CR. Reproducible manuscript preparation with RMarkdown application to JMSACL and other Elsevier Journals. *Journal of Mass Spectrometry and Advances in the Clinical Lab.* 2021;22:8-16. doi:10.1016/j.jmsacl.2021.09.002
- 199. Gohel D, Ross N. Officedown: Enhanced 'r markdown' format for 'word' and 'PowerPoint'. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=officedown.
- 200. Xie Y. Bookdown: Authoring books and technical documents with r markdown. 2023. https://github.com/rstudio/bookdown.
- 201. Ioannidis JPA. How to Make More Published Research True. *PLoS Medicine*. 2014;11(10):e1001747. doi:10.1371/journal.pmed.1001747
- 202. Krieger N, Perzynski A, Dalton J. Projects: A project infrastructure for researchers. 2021. https://CRAN.R-project.org/package=projects.
- 203. Zhao Y, Xiao N, Anderson K, Zhang Y. Electronic common technical document submission with analysis using R. *Clinical Trials*. 2022;20(1):89-92. doi:10.1177/17407745221123244
- 204. R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. 2023. https://www.R-project.org/.
- 205. Gohel D, Skintzos P. Flextable: Functions for tabular reporting. 2023. https://CRAN.R-project.org/package=flextable.
- 206. Urbanek S, Johnson K. Tiff: Read and write TIFF images. 2022. https://CRAN.R-project.org/package=tiff.
- 207. Wallisch C, Bach P, Hafermann L, et al. Review of guidance papers on regression modeling in statistical series of medical journals. Mathes T, ed. *PLOS ONE*. 2022;17(1):e0262918. doi:10.1371/journal.pone.0262918
- 208. Lynggaard H, Bell J, Lösch C, et al. Principles and recommendations for incorporating estimands into clinical study protocol templates. *Trials*. 2022;23(1). doi:10.1186/s13063-022-06515-2
- 209. Althouse AD, Below JE, Claggett BL, et al. Recommendations for Statistical Reporting in Cardiovascular Medicine: A Special Report From the American Heart Association. *Circulation*. 2021;144(4). doi:10.1161/circulationaha.121.055393
- 210. Lee KJ, Tilling KM, Cornish RP, et al. Framework for the treatment and reporting of missing data in observational studies: The Treatment And Reporting of Missing data in Observational Studies framework. *Journal of Clinical Epidemiology.* 2021;134:79-88. doi:10.1016/j.jclinepi.2021.01.008
- 211. Vickers AJ, Assel MJ, Sjoberg DD, et al. Guidelines for Reporting of Figures and Tables for Clinical Research in Urology. *Urology*. 2020;142:1-13. doi:10.1016/j.urology.2020.05.002
- Assel M, Sjoberg D, Elders A, et al. Guidelines for Reporting of Statistics for Clinical Research in Urology. *Journal of Urology*. 2019;201(3):595-604. doi:10.1097/ju.0000000000000001
- 213. Gamble C, Krishan A, Stocken D, et al. Guidelines for the Content of Statistical Analysis Plans in Clinical Trials. *JAMA*. 2017;318(23):2337. doi:10.1001/jama.2017.18556
- 214. Lang TA, Altman DG. Basic statistical reporting for articles published in Biomedical Journals: The "Statistical Analyses and Methods in the Published Literature" or the SAMPL Guidelines. *International Journal of Nursing Studies*. 2015;52(1):5-9. doi:10.1016/j.ijnurstu.2014.09.006
- 215. Weissgerber TL, Milic NM, Winham SJ, Garovic VD. Beyond Bar and Line Graphs: Time for a New Data Presentation Paradigm. *PLOS Biology*. 2015;13(4):e1002128. doi:10.1371/journal.pbio.1002128

- 216. Sauerbrei W, Abrahamowicz M, Altman DG, Cessie S, Carpenter J. STRengthening Analytical Thinking for Observational Studies: the STRATOS initiative. *Statistics in Medicine*. 2014;33(30):5413-5432. doi:10.1002/sim.6265
- 217. Groves T. Research methods and reporting. BMJ. 2008;337(oct22 1):a2201-a2201. doi:10.1136/bmj.a2201
- 218. Stratton IM, Neil A. How to ensure your paper is rejected by the statistical reviewer. *Diabetic Medicine*. 2005;22(4):371-373. doi:10.1111/j.1464-5491.2004.01443.x
- 219. Mansournia MA, Collins GS, Nielsen RO, et al. A CHecklist for statistical Assessment of Medical Papers (the CHAMP statement): explanation and elaboration. *British Journal of Sports Medicine*. 2021;55(18):1009-1017. doi:10.1136/bjsports-2020-103652
- 220. Gil-Sierra MD, Fénix-Caballero S, Abdel kader-Martin L, et al. Checklist for clinical applicability of subgroup analysis. *Journal of Clinical Pharmacy and Therapeutics*. 2019;45(3):530-538. doi:10.1111/jcpt.13102
- 221. Altman DG, Simera I, Hoey J, Moher D, Schulz K. EQUATOR: reporting guidelines for health research. *The Lancet*. 2008;371(9619):1149-1150. doi:10.1016/s0140-6736(08)60505-x

Ciência com R

Você está pronto para desbloquear o poder da análise estatística de dados e elevar sua pesquisa a novos patamares? Não procure mais. Em "Ciência com R", o Dr. Arthur de Sá Ferreira, um pesquisador experiente, oferece um guia indispensável que capacitará pesquisadores, analistas de dados e estudantes a tomarem decisões informadas e baseadas em evidências em seus empreendimentos científicos.

ORIENTAÇÃO ESPECIALIZADA: Beneficie-se da ampla experiência do Dr. Arthur de Sá Ferreira enquanto ele responde às perguntas mais fundamentais: O que é isso? Por que usá-lo? Quando usar? Quando não usar? Como fazer? Cada capítulo se aprofunda em questões específicas, oferecendo explicações claras e concisas e exemplos práticos.

FORMATO DE PERGUNTAS E RESPOSTAS: Mantenha uma conversa direta e objetiva com o autor. Descubra respostas para as perguntas comumente feitas por estudantes, pesquisadores e profissionais em todas as fases de sua jornada acadêmica e científica.

APRENDIZADO PROGRESSIVO: Navegue por uma progressão de conceitos e aplicações. Capítulos são estruturados didaticamente para maior clareza educacional, com referências cruzadas para garantir uma compreensão coesa dos tópicos inter-relacionados, reduzindo a fragmentação do conteúdo.

INSIGHTS ATUALIZADOS: Fique à frente da curva com as referências e insights mais recentes. Dr. [Seu nome] lança luz sobre preconceitos, paradoxos, mitos e práticas ilícitas na área, oferecendo uma clareza inestimável até mesmo para os pesquisadores mais experientes.

Quer você seja um estudante de pós-graduação em busca de métodos para analisar seus projetos de pesquisa, um pesquisador que precisa de informações e referências para o desenvolvimento de projetos ou um analista de dados experiente que deseja se manter atualizado, este livro é seu melhor companheiro. Além disso, pessoas de diversas áreas encontrarão neste livro uma porta de entrada para compreender a importância de fazer e responder perguntas no mundo da ciência.

Tome decisões informadas, evite armadilhas e destaque-se em sua pesquisa científica com "Ciência com R". Os insights profundos do Dr. Arthur de Sá Ferreira permitirão que você transforme seus dados em descobertas significativas, colocando você no caminho da excelência em pesquisa.